



Universidade de Brasília – UnB  
Instituto de Psicologia – IP  
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED  
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPDS

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO, EDUCAÇÃO  
E INCLUSÃO ESCOLAR – UAB/UnB**

**ALTAS HABILIDADES: POSSÍVEL DIÁLOGO ENTRE TEORIA E  
PRÁTICA**

**QUEZIA GUILHERMINA DIAS DOS SANTOS**

**ORIENTADORA: JULIANA EUGÊNIA CAIXETA**

**BRASÍLIA/2011**



Universidade de Brasília – UnB  
Instituto de Psicologia – IP  
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED  
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPDS

**QUEZIA GUILHERMINA DIAS DOS SANTOS**

**ALTAS HABILIDADES: POSSÍVEL DIÁLOGO ENTRE TEORIA E  
PRÁTICA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, do Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED/IP - UAB/UnB

Orientadora: Professora Doutora Juliana Eugênia Caixeta

BRASÍLIA/2011

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

QUEZIA GUILHERMINA DIAS DOS SANTOS

### **ALTAS HABILIDADES: POSSÍVEL DIÁLOGO ENTRE TEORIA E PRÁTICA**

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UAB/UnB. Apresentação ocorrida em \_\_\_/\_\_\_/2011.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

---

PROFESSORA DOUTORA JULIANA EUGÊNIA CAIXETA (Orientador)

---

PROFESSORA MESTRE RAQUEL SOARES DE SANTANA (Examinador)

---

QUEZIA GUILHERMINA DIAS DOS SANTOS (Cursista)

BRASÍLIA/2011

## DEDICATÓRIA

A Deus pelas constantes vitórias alcançadas.  
Aos meus pais, Nicodemio e Maria, pelos valores ensinados.  
Ao meu esposo Klesionando, pelo carinho e apoio.  
As minhas amigas pelos momentos de incentivo.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por esta benção, pela permissão em trilhar esta jornada. A minha família que me apoiou nos momentos de isolamento para dedicação a este trabalho, em especial, a minha mãe, pai, irmã, prima, que em todos os momentos de estudos comemoraram comigo. Pela paciência em momentos de estresse diante da jornada acadêmica.

Agradeço ao meu esposo pelo apoio em momentos de incerteza e compreensão diante dos trabalhos a serem cumpridos no tempo determinado. Pela paciência destinada em momentos de desabafo e choros...

Agradeço a professora Raquel pelo incentivo ao tema escolhido. A minha orientadora Juliana pelos direcionamentos do trabalho, pelas mensagens que acalmavam e constantes incentivos, pela tolerância diante de tantas incertezas. A professora Edna, pela calma compartilhada, disponibilidade imediata.

As instituições e profissionais que me acolheram e disponibilizaram informações para serem pesquisadas. As amigas de trabalho que em todos os momentos me apoiaram e incentivaram.

A todos que de maneira direta e indireta contribuíram para a realização deste trabalho... sem a colaboração de todos seria inviável a concretização do mesmo.

## RESUMO

Ao longo da história da educação tem se observado que o processo de inclusão no aluno com necessidades educativas especiais decorre de constantes lutas por reivindicações dos diferentes grupos sociais que compõe a sociedade. A pessoa com altas habilidades faz parte de um dos grupo que precisa de atendimento especializado para potencializar seu desenvolvimento. O aluno com altas habilidades apresenta um desenvolvimento acima da média de seus pares, destacando-se na área das artes, raciocínio lógico, matemático e/ou motricidade. O objetivo desta pesquisa foi conhecer o processo de inclusão do aluno com altas habilidades em uma cidade do estado do Espírito Santo, por meio de observação e entrevistas conhecer a identificação e atendimento especializado para esse aluno, assim como conhecer as instituições que oferecem atendimento especializado. Os resultados obtidos evidenciam que: a) a identificação do aluno com altas habilidades acontecerá se o professor regente for esclarecido sobre o que é altas habilidades e direcionar a identificação com segurança das informações fornecidas; b) O atendimento para o aluno com altas habilidades acontecerá após a identificação e de acordo com a área de interesse do aluno; c) A inclusão do aluno com altas habilidades acontece a partir do momento em que todos que estão a sua volta se empenham no processo de inclusão, isto é, família, escola, professor, amigos, comunidade. O processo de inclusão é lento, precisa ser dialogado constantemente entre todos os envolvidos com o aluno com altas habilidades. Assim, o professor regente precisa de participar de cursos de formação para manter diálogo com a teoria e sua prática pedagógica, a família precisa conhecer o filho com altas habilidades que tem em casa, a escola necessita das informações sobre este aluno e buscar meios/parcerias que o atendam e contribuam com seu desenvolvimento humano.

Palavras chave: altas habilidades, identificação, atendimento, inclusão, desenvolvimento humano, educação especial.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>vi</b>
<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>12</b>
1.1 A HISTÓRIA SOCIAL DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA.....	12
1.2 A EDUCAÇÃO ESPECIAL NO BRASIL.....	17
1.3 ALTAS HABILIDADES CARACTERÍSTICAS E ESPECIFICIDADES.....	22
<b>1.3.1 A teoria dos Três Anéis.....</b>	<b>27</b>
<b>II – OBJETIVOS.....</b>	<b>30</b>
2.1 OBJETIVO GERAL.....	32
<b>2.1.1 Objetivos específicos.....</b>	<b>32</b>
<b>III – METODOLOGIA</b>	
3.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DA METODOLOGIA.....	33
3.2 PARTICIPANTES.....	34
3.3 INSTRUMENTOS PARA A CONSTRUÇÃO DAS INFORMAÇÕES.....	35
3.4 MATERIAIS.....	39
3.5 PROCEDIMENTOS DE CONSTRUÇÃO DAS INFORMAÇÕES.....	39
<b>IV – RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>41</b>
4.1 DESCREVER O FUNCIONAMENTO DE INSTITUIÇÕES PÚBLICA E PRIVADA QUE IDENTIFICAM, ATENDEM ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES E PROMOVEM O PRODESSO DE INCLUSÃO.....	44
4.2 IDENTIFICAR INSTRUMENTOS UTILIZADOS PELOS PROFISSIONAIS PARA IDENTIFICAÇÃO DO ALUN COM ALTAS HABILIDADES NO ESPAÇO ESCOLAR...46	
4.3 CONHECER AS MEDIAÇÕES UTILIZADAS PELOS PROFESSORES NO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO E AOS ALUNOS COM ALTAS	

HABILIDADES E QUE FAVOREÇAM P DESENVOLVIMENTO DO SEU POTENCIAL E TALENTO.....	48
4.4 IDENTIFICAR AÇÕES QUE FAVOREÇAM UM APRENDIZADO PARA O ALUNO COM INDICATIVOS DE ALTAS HABILIDADES PARA A PROMOÇÃO DE SUA INCLUSÃO ESCOLAR.....	49
<b>V – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>53</b>
<b>VI. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>56</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>59</b>
A – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA COORDENADORA DA INSTITUIÇÃO PARTICULAR A.....	53
A – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA PROFESSORAS FACILITADORAS DA ISNTITUIÇÃO B.....	62
C – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA COORDENADORA DA INSTITUIÇÃO PUBLICA C.....	63
D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – PROFESSOR	
<b>ANEXOS</b>	
A - GUIA DE OBSERVAÇÃO DE ALUNOS EM SALA DE AULA.....	67



## LISTA DE TABELAS

**Tabela 1 – Mostra a descrição detalhada das participantes da pesquisa.....35**

**Tabela 2 - Quadro de procedimentos sobre a identificação e atendimento de cada uma das instituições.....44**

## APRESENTAÇÃO

Intensa é a vida e as experiências advindas dela! Começarei essa apresentação, mostrando minha história pessoal e profissional, para melhor justificar minha escolha de tema de pesquisa. Isto porque eu acredito que estas evidências influenciaram direta e indiretamente minhas escolhas e posicionamentos.

Em minha família, meus pais sempre valorizaram a carreira escolar como meio de se ter uma formação profissional adequada. Além do valor que os estudos recebiam, meus pais se preocupavam, ainda, com a nossa formação como pessoa. Por isso, meus pais trabalharam para que nosso desenvolvimento contemplasse a diversidade a nossa volta e o respeito que cada sujeito deve receber. Essa formação contribuiu para minha escolha pelo magistério, na qual trabalhamos constantemente com a diversidade de pessoas.

Quando terminei a graduação em pedagogia, na Universidade Federal do Espírito Santo, observei que a escola se preocupava com estratégias que possibilitassem a superação das dificuldades de aprendizagem dos alunos. No entanto, o aluno que apresentava desenvolvimento acima da média, era menos atendido. Eu observava que eles também precisavam de atenção. Percebi, dia-a-dia, na minha formação e no período de pós-formatura, que as instituições de ensino ainda encontravam dificuldades para incluir alunos com significativo desempenho acadêmico, artístico, motor, de liderança etc.

Atualmente, tenho oito anos de atuação profissional e trabalho como professora regente no primeiro ano do Ensino Fundamental. Sou uma professora encantada com meus alunos e com as descobertas profissionais que eles me oportunizam a cada dia!

Em minha sala de aula há alunos que acompanham todo o conteúdo rapidamente e, quando terminam de fazer o trabalho planejado, solicitam outros trabalhos com interesses específicos como: desenho, matemática e ciências. Inicialmente, eu me assustei com o interesse diversificado desses alunos e como exigiu planejamento extra de minha parte. Comuniquei esta situação à professora de educação especial, ela argumentou que nos primeiros anos do ensino fundamental não há como

diagnosticar se o aluno é superdotado, mas se apresentar indicativos de altas habilidades, o professor regente precisa incentivar e potencializar o interesse do aluno. Porém, não recebi orientações de como trabalhar com esse aluno.

Observei que o aluno que acompanhava o desenvolvimento do trabalho planejado, realizava as atividades com rapidez e solicitava outras tarefas da área de seu interesse. Para atender a essa demanda específica, precisei ser uma professora comprometida em elaborar vários planejamentos e aprofundar meu conhecimento sobre altas habilidades. Acredito que, para aperfeiçoar sua práxis o professor precisa buscar conhecimento, manter diálogo com profissionais da educação que passaram pela experiência de trabalhar com alunos com indício de altas habilidades, pois assim, juntos, aluno e professor podem vencer os obstáculos do processo de inclusão e garantir a potencialização das habilidades do aluno superdotado. (MARTINES, 2006,).

Nesta pesquisa pretendo: 1. contextualizar o histórico mundial e nacional da educação especial. 2. Conhecer trabalhos de professores que desenvolvem a inclusão de alunos com altas habilidades no ensino regular obrigatório e 3. aprofundar o conhecimento sobre altas habilidades e construir indicadores que ofereçam pistas para o processo de inclusão bem sucedido para alunos com altas habilidades em sala de aula.

Com a inclusão de alunos no ensino regular obrigatório, é necessário que o professor busque cotidianamente conhecimento e desenvolva um diálogo constante entre a teoria e a prática. Em virtude desta necessidade de conhecer para aperfeiçoar meu/nosso trabalho, desenvolverei esta pesquisa sobre altas habilidades.

# **I- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

## **1.1 A história social das pessoas com deficiência**

A história das pessoas com deficiência é dividida em 4 grandes momentos: segregação, exclusão, integração e inclusão (RIBEIRO, 2002). O primeiro momento, chamado segregação, compreende o período da Antiguidade clássica. Nessa época, o contexto social valorizava a perfeição física e a força, porque estamos falando de um período histórico de valorização das guerras. Portanto a ética social permitia que pessoas com deficiência fossem desprezadas, abandonadas ou eliminadas por meio de sacrifícios, ou mesmo infanticídios. Na Grécia e Roma, por exemplo, as crianças deficientes eram lançadas aos precipícios, atitude justificada pela sociedade que precisava de homens bons e fortes. Em outras civilizações, deficiência era considerada consequência da insatisfação divina com os humanos ou manifestação dos demônios (MAGALHÃES, 2003).

O período da exclusão aconteceu na Idade Média, quando os deficientes eram presos em torres e masmorras. Isso porque as pessoas com deficiências eram consideradas, pela igreja, filhos de Deus, inocentes, que requeriam cuidados especiais. Para tanto, as pessoas deficientes recebiam o serviço de tutela em manicômios e asilos, retirados do convívio social.

No século XVI, a educação especial teve início por meio do atendimento de pedagogos e médicos, que, contrariando os ditames da sociedade, defendiam que indivíduos deficientes poderiam adquirir conhecimento. Esse fenômeno ainda representa exclusão, porque as pessoas deficientes continuavam a ser segregadas espaço e temporalmente das outras pessoas. O que aconteceu, com o fim da Idade Média, foi um grande desenvolvimento da medicina e da educação, que possibilitaram a descoberta de que pessoas deficientes podiam ser treinadas e tratadas, mas não junto com os demais alunos. Eles precisavam de espaços especializados ou, em outras palavras, segregados. Dessa forma, os profissionais das diferentes áreas desenvolviam métodos próprios de ensino, tornando-se tutores dos deficientes. (MENDES, 2006).

A filosofia da Integração surgiu em meados do século XX, nos países nórdicos, por grupos que questionavam as condições de vida das pessoas com deficiência intelectual, que sofriam a segregação. Defendiam o princípio da normalização, ou seja, aluno com deficiência ou pessoas desvalorizadas socialmente deveriam freqüentar os mesmos ambientes sociais, assim ambos teriam oportunidade de conviver no mesmo espaço, possibilitando aprendizado e experiência para todos. (MENDES, 2006).

[...] conscientizaram e sensibilizaram a sociedade sobre os prejuízos da segregação e da marginalização de indivíduos de grupos com *status* minoritários, tornando-se a segregação sistemática de qualquer grupo ou criança intolerável. [...] (MENDES, 2006, p. 388).

Este movimento propagou-se nos Estados Unidos e Canadá, considerado parte integrante das lutas de grupos minoritários em defesa dos direitos humanos, típicos da década de 60 do século XX. Surgiram as instituições especializadas que ofereciam atendimento especial em salas separadas para os alunos que apresentassem dificuldade de aprendizagem (MENDES, 2006).

Mendes (2006) descreve que a educação especial paralela era oferecida apenas em países desenvolvidos, e tinha um custo alto. Com a crise mundial do petróleo, em 1960, a discussão no meio acadêmico e a constante reclamação dos pais de alunos sobre a atitude segregadora da educação especial, alguns países passaram a investir na educação integradora, legalizando gradualmente a inserção dos deficientes no ensino regular, assim como a obrigatoriedade de o poder público assumir os compromissos de investimentos nas instituições de ensino.

Aconteceram vários planejamentos de serviços que pudessem atender a pessoa com deficiência, um deles foi implantado nos Estados Unidos, em 1977, o processo de *mainstreaming* o que proporcionou às crianças com deficiência serem matriculadas no ensino regular, (MENDES, 2006). Esta palavra foi traduzida para o Brasil como “integração”. Segundo Mendes (2006), os princípios que fundamentam a integração seriam: em primeiro lugar a primazia pela educação; segundo, a

educação especial e regular serem ofertadas, mantendo certa coerência e em terceiro a convivência do deficiente com os demais grupos da sociedade.

Em 1961, foi publicado na Inglaterra o Relatório *Warnock*. Neste documento o termo Necessidades Educativas Especiais é registrado 3 tipos de integração: a primeira denominada de integração social, na qual o aluno com necessidades especiais participa de atividade fora da sala de aula. A segunda de integração física que acontece nas aulas da educação especial e em outros momentos entre alunos NEE e os do ensino regular e a terceira integração funcional, que seria a adaptação do currículo funcional do ensino regular para o aluno NEE. ([S.I.], 19--?).

Com o processo de industrialização, ocorreram muitas mudanças na esfera social e investimento em estudos científicos oportunizou novas descobertas e esclarecimentos sobre as deficiências. Isso aconteceu no período turbulento das guerras mundiais.

Se por um lado houve avanços; por outro, o mundo expressava toda uma intolerância social às minorias e aos diferentes de forma que, após a última guerra mundial, políticos e intelectuais do mundo inteiro se uniram para elaborar a Declaração Universal dos Direitos Humanos, para garantir o mínimo de humanidade às pessoas de qualquer etnia, credo, gênero, classe social, entre outros. Assim, grupos minoritários, segregados, puderam ser ouvidos e terem sua reivindicação de respeito e reconhecimento social atendidos. A Declaração Universal dos Direitos Humanos oportunizou a discussão sobre a inclusão de pessoas com deficiência no cotidiano social (COELHO, 2010).

O primeiro país a promover debate sobre a inclusão foi o Estados Unidos, na década de 1980. O estudo intitulado “Uma nação em risco: o imperativo para a reforma educacional”, feito pela National Commission on Excellence in Education (USA, 1983)” (MENDES, 2006, p. 392), relatava baixos níveis de desenvolvimento da educação, chegando a questionar se o país conseguiria se manter como líder mundial no futuro. Foram tomadas decisões por parte das autoridades para a promoção de reformas educacionais. A escola foi identificada como a origem do problema educacional, foram realizadas reformulações no currículo, investimento financeiro para as escolas de acordo com o índice apresentado nas pesquisas

“sobre os indicadores de qualidade” (MENDES, 2006, p. 392). O profissional da educação foi melhor remunerado, a gestão escolar foi descentralizada, segundo Mendes, (2006), a educação recebeu prioridade nos investimentos que recebiam da gestão descentralizada.

Essa reforma educacional trouxe grande benefício para a educação especial dos Estados Unidos, possibilitando a escola adequar seu currículo de acordo com a realidade social na qual estava inserida, podendo romper com práticas excludentes, atendendo a diversidade que a freqüentava.

Além da inserção do aluno da educação especial no ensino regular iniciou-se o movimento para a “inclusão total”, na qual o estudante ficaria em tempo integral no ensino regular, mesmo aqueles que tivessem limitação intelectual agravada, os deficientes intelectuais, ficaram segregados nas escolas especiais, impedidos de freqüentar o ensino regular.

Em 1990, o termo ‘inclusão’, começou a ser difundido mundialmente e com dois grupos que defendem a educação inclusiva a partir de duas vertentes: a primeira defende que o aluno deve freqüentar o ensino regular em uma instituição próxima de sua casa, deixando de freqüentar o ensino especial e os contínuos serviços especiais oferecidos. O segundo grupo defende que aluno deve freqüentar o ensino regular, mas pode continuar a freqüentar a educação especial como suporte, podendo acontecer no ambiente escolar ou fora dele.

O discurso da educação inclusiva iniciada no Estados Unidos propagou-se pelo mundo, em 1990, foi realizada a Conferência Mundial de Educação para Todos: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem, em Jomtien, Tailândia. De acordo com a declaração (I) do documento nos países em desenvolvimento mais de 100 milhões de crianças não tinham acesso ao ensino primário, mais de 100 milhões de crianças e adultos não terminavam o ensino fundamental. Esta declaração tem como objetivo proporcionar ao educando qualidade no ensino de acordo com as necessidades individuais, possibilitar a equidade, com a finalidade de garantir a todos participarem ativamente no seu grupo social. Defende a educação básica como um direito baseado no desenvolvimento humano pleno.

Em 1994, foi realizada em Salamanca, na Espanha, a Conferência Mundial sobre Necessidades Educacionais Especiais: Acesso e qualidade. Esta conferência foi patrocinada pela Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e o Ministério da Educação e ciência da Espanha. A Declaração de Salamanca define a educação como direito de todos, assim como a Conferência Mundial de Educação para Todos, e a Declaração dos Direitos Humanos.

A declaração defende a inserção das pessoas com necessidades educativas especiais/superdotadas no ensino regular, argumentando que cada sujeito é único, necessitando o currículo escolar adequarem as necessidades do aluno. Convoca as autoridades políticas a desenvolverem políticas públicas e financeiras para que as instituições de ensino possam transformar-se em ambientes inclusivos. A denominação de necessidades educativas especiais refere-se a todas as crianças que em algum momento da vida escolar apresentaram dificuldade de aprendizagem ou foram portadoras de deficiência grave. Infelizmente no Brasil a legislação vigente reduziu o direito da educação especial para grupos específicos: deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, ficam alijados do atendimento especial alunos repetentes e com sérios problemas de aprendizagem.

No campo de ação educacional, o documento defende a pedagogia centrada na criança, necessitando o planejamento ser adaptado às necessidades da criança, assumindo que as diferenças humanas são normais, havendo necessidade de ser respeitado o tempo de aprendizagem individual. Esta mudança no currículo tem como finalidade evitar a repetência e evasão escolar. “Uma pedagogia centrada na criança pode contribuir para evitar o desperdício de recursos e a frustração de esperanças, conseqüências freqüentes da má qualidade do ensino e da mentalidade de que ‘o que é bom é para todos” (BRASIL, 1994, p. 180).

A partir daí, o termo inclusão ganhou notoriedade mundial, enfatizando a integração de recursos para proporcionar a inclusão na escola, grupo social. Proporcionar formação que possa desmarginalizar a criança com deficiência, disponibilizando para ela ferramentas para o convívio cotidiano, obtendo independência na vida adulta, possibilidade de acesso à educação secundária e superior.



A inclusão social descrita na declaração propõe coordenação na saúde, educação e assistência social, por meio de instituições públicas, privadas, não-governamentais desenvolverem ações inclusivas, possibilitando a implementação de programas na educação e as demais áreas citadas.

Embora o discurso da inclusão seja também o discurso da integração escolar de inserir o aluno no ensino regular, as exigências de diversificaram. Na integração, a escola procurou normalizar o aluno, este teria que se adequar ao currículo para se tornar “igual” aos demais integrantes da sociedade. Na inclusão, o discurso muda, o ambiente escolar deve reconhecer a diferença como normal, adequar o seu currículo para atender a equidade. Na integração a estrutura institucional continuou a mesma, ocorrendo um exagero de encaminhamento de alunos com dificuldades para a sala especial e de recurso em algum momento da vida escolar. Na inclusão, a instituição escolar abre as portas para manter o diálogo com os sujeitos que a compõem. Pelo menos, essa é a proposta nos documentos citados acima.

## 1.2 A Educação Especial no Brasil

A história da educação brasileira foi e, infelizmente, é marcada pela ausência de acesso à educação por uma grande parcela da sociedade. Na educação especial, não foi diferente. Também se percebeu e percebe o abandono educacional de pessoas com necessidades educacionais especiais. (MAGALHÃES, 2003).

O atendimento educacional especial aconteceu inicialmente na época do império com a criação do Imperial Instituto dos Meninos Cegos, em 1854, atualmente conhecido como Instituto Benjamim Constant (IBC) e o Imperial Instituto de Surdos-Mudos, em 1857. Estes institutos tinham a finalidade de receber os deficientes e mantê-los afastados do convívio social, a escolarização ficava em segundo plano.

Segundo Magalhães (2003), em 1950, com o descaso do governo em atender pessoas com necessidades educativas especiais, este público recebeu atendimento em instituições da iniciativa privada: a Sociedade Pestalozzi e a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAEs), que ganharam repercussão em todo o Brasil. Em 1945, foi criado por Helena Antipoff, o primeiro centro de atendimento para

pessoa com superdotação na Sociedade Pestalozzi. Com ausência de diálogo entre as instituições públicas e privadas, a educação especial passou a ter finalidade assistencialista, feita especificamente para pessoas alijadas do sistema de ensino regular.

Com a promulgação da república e a constituição Federal de 24 de Fevereiro de 1891, a responsabilidade da educação ficou assim distribuída: governo federal responsável pelo ensino superior e secundário, os municípios pelo ensino primário. Os Estados ficaram livres para organizarem seu próprio sistema de ensino. A educação básica e o ensino especial ficaram relegados a segundo plano, cada governo realizava as mudanças e implantações de acordo com sua prioridade, e neste contexto a prioridade era com reformas que beneficiassem a pessoa 'normal'(SOARES, 2009).

As primeiras demonstrações de interesse do governo pela educação especial, aconteceram com finalidades emergenciais de suprir a demanda do atendimento educacional aos deficientes em nível nacional por meio de campanhas com finalidade de ampliar o atendimento especializado no país. Essas campanhas aconteceram respectivamente em 1957, 1958 e 1960, abrangiam as pessoas com as deficiência: auditiva, visual e mental.

Em 1961, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional(LDB), nº 4.024/61, no seu artigo 88, defendeu o direito dos excepcionais de freqüentarem a escola no sistema geral de ensino. A LDB trouxe à tona o direito à educação das pessoas portadoras de deficiência, em uma realidade histórica de repressão, autoritarismo freqüente na sala de aula, época em que a educação ainda era direito de poucos.

Na lei 5.692, de 11 de agosto de 1971, que regulamenta o ensino de 1º e 2º graus, os conselhos de educação ficariam responsáveis pelo estabelecimento das normas que definiriam o tratamento especial para as pessoas que apresentassem deficiência física, mental e os alunos superdotados. Não havendo uma legislação específica para o atendimento especial, ficando à disposição de cada conselho de educação elaborar suas próprias formas de atendimento especial (BRASIL, 2008).

Na década de 1970, foi criado o Centro Nacional de Educação Especial (CENESP), com meta principal de aperfeiçoar o atendimento educacional especial em todo território nacional. O órgão federal ofereceu assessoria às secretarias estaduais de ensino para a implantação de salas especiais nos estados, assim como qualificou professores. Com isso, os alunos com deficiência mental leve passaram a ser integrados na escola, com atendimento em salas especiais. Neste mesmo período, a escola se tornou acessível para toda a população e mantida pela rede estadual. Esse sistema de integração foi criticado, pois a escola ao invés de adequar o currículo e a estrutura para receber o aluno com necessidades educativas especiais, acontecia o inverso, assim o aluno continuava segregado dentro da instituição de ensino.

Na década de 80, foi criada a Secretaria de Educação Especial, sob a responsabilidade da Secretaria Nacional de Educação Básica, Magalhães (2003) destaca que os escassos recursos financeiros destinados à educação especial foram aplicados de forma inadequada, dificultando o processo de integração do aluno na educação, no convívio social e na inserção dele no mercado de trabalho.

O processo de inclusão do ANEE no ensino regular evoluiu, na Constituição Federal de 1988, onde artigo 205 estabelece que a educação é direito de todos e deve ser oferecida pelo Estado e pela família. A Constituição também prevê que a sociedade também poderá promover e incentivar o aluno, buscando o desenvolvimento humano sua preparação para o trabalho. No artigo 208, inciso III, está documentado que é dever do Estado a garantia de atendimento educacional especializado preferencialmente na rede regular de ensino. O preferencialmente deixou de lado a obrigatoriedade.

Na década de 1990, iniciou-se a defesa da escola inclusiva, cujo marco foi a Declaração de Salamanca, feita em 1994. Nesse período a educação escolarizada tem como fundamento a promoção do desenvolvimento humano e a formação do cidadão. No processo educacional o aluno é inserido em uma cultura. Aprende e produz saberes em seu grupo social. A educação é um direito garantido por lei, a todas as pessoas, pelo benefício que traz ou deveria trazer a elas.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, destina o capítulo cinco para falar da educação especial, observando que esta lei é nacional e irá embasar todas as ações educativas no âmbito de estados, distrito federal e municípios:

§ 1º. Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial.

§ 2º. O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular. (Art. 58 –LDB – Lei nº 9.394/96).

No artigo 59 da atual LDB, a formação curricular para o ANEE será organizada para atender as necessidades específicas de cada aluno. No inciso III, os professores deverão ter formação específica em nível médio, superior.

A resolução CNE/CEB nº 2/2001, no artigo 1º, parágrafo único institui que a educação especial será oferecida na educação básica, em todas as modalidades do ensino. Este atendimento terá início na educação infantil e a família acompanhará os procedimentos. No artigo 2º, é responsabilidade da instituição escolar fornecer informações sobre a demanda para que o atendimento ao aluno seja de qualidade, obtendo-se os recursos necessários.

Esta resolução defende o atendimento especializado munido com todos os aparatos necessários para a construção de uma educação inclusiva, recursos material e humano. Regulamenta, também, que este atendimento deve contemplar o indivíduo em sua singularidade, pautada em princípios éticos, oferecendo formação cidadã, respeitando a identidade, a diferença.

Ainda sobre a resolução CEB/CNE nº 02/2001, apresentamos a definição de os alunos com necessidades educacionais especiais que consta no seu artigo 5º:

I - dificuldades acentuadas de aprendizagem ou limitações no processo de desenvolvimento que dificultem o acompanhamento das atividades curriculares, compreendidas em dois grupos: a) aquelas não vinculadas a uma causa orgânica específica; b) aquelas relacionadas a condições, disfunções, limitações ou deficiências; II – dificuldades de comunicação e sinalização diferenciadas dos demais alunos, demandando a utilização de linguagens e códigos aplicáveis; III - altas habilidades/superdotação, grande facilidade de aprendizagem que os leve a dominar rapidamente conceitos, procedimentos e atitudes. (Art. 05 – CEB/CNE- Res. Nº 02/2001).

Nos artigos 7º e 8º, o aluno inserido na classe regular poderá receber atendimento na sala de recursos. No inciso II, do artigo oitavo, defende a inclusão dos alunos com necessidades educacionais em sala de aula regular de modo assegurar a diferença observando o princípio de educar para a diversidade. Porém no artigo 9º, defende a criação de classe especial e atendimento em turno inverso para o aluno que não tiver condições de freqüentar a classe comum.

Trazendo o foco para a inclusão de superdotados, em 2005, o governo implanta os Núcleos de Atividades de altas Habilidades /Superdotação (NAAH/S), em todas as federações e no Distrito Federal. Com objetivo de oferecer atendimento à família do aluno superdotado, atendimento educacional especial e formação para os professores. Em 2007, a inclusão dos superdotados avança com a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva que prevê o atendimento educacional especializado para os educandos que apresentarem em longo prazo: deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. (BRASIL, 2006).

Esta política inclui o atendimento educacional especializado na educação profissional, jovens e adultos, educação indígena, do campo e quilombola e educação superior, ampliando as possibilidades de estudos, inserção da pessoa com necessidades especiais no mundo do trabalho e maior convívio social.

Exigências descritas na Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, em 2006, na qual o Brasil é signatário.

O Decreto nº 6.571, de 17 de setembro de 2008, dispõe sobre o Atendimento Educacional Especializado (AEE). Este atendimento abrange “ [...], conjunto de atividades, recursos de acessibilidade e pedagógicos organizados institucionalmente, prestado de forma complementar ou suplementar à formação dos alunos no ensino regular” (Art. 1, inciso 1º, Decreto nº 6.571/2008).

São objetivos do AEE: garantir participação e aprendizagem no ensino regular; transversalidades das ações; estimular a construção de materiais pedagógicos para aprendizagem efetiva; promover a continuidade dos estudos para o ANEE. Os recursos técnicos e financeiros serão fornecidos pelo Ministério da Educação.

Resolução CNE/CEB nº 04. de 2 de outubro de 2009, implementa o Decreto nº 6.571, de 17 de setembro de 2008: os alunos com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades deverão ser matriculados no ensino regular e no AEE. O atendimento acontecerá na sala de recursos da escola ou em outra instituição de ensino no turno inverso e não poderá substituir o ensino regular, considerado como parte integrante do processo educacional do educando. De acordo com o artigo 8º da resolução, a matrícula do educando no FUNDEB (Fundo de Manutenção da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação), será contabilizada duas vezes: na classe comum e no AEE, sendo que o primeiro é requisito para a permanência no segundo. A organização do AEE é regulamentado pela Nota Técnica – SEESP/GAB/Nº 9/2010.

Pode-se observar que a legislação para a promoção da educação inclusiva evoluiu nos últimos anos, como a obrigatoriedade da matrícula no ensino regular, formação continuada para os profissionais da educação. Mas em documentos oficiais esta mesma legislação permite brechas com medidas assistencialistas como as escolas especializadas, e o não atendimento especializado para o aluno que tem sérias dificuldades de aprendizagem.

### **1.3 Altas habilidades: características e especificidades**

Pessoas com alto desenvolvimento em determinadas áreas do conhecimento, das artes plásticas, música, desempenho nos esportes recebem grande destaque na mídia sendo considerados gênios. Estudos de diversos autores como: Ziegler & Heller (2001); Winner, (1998); Guenther (2000 apud Virgolim, 2007), diferenciam cada uma das habilidades que o sujeito possa desenvolver ou ter herdado geneticamente (GUENTHER, 2000).

Para entender a pessoa com altas habilidades e seu potencial inicialmente iremos distinguir as habilidades observadas em crianças denominadas de precoce, prodígio e gênio de acordo com as definições de Virgolim (2007):

a) criança precoce: apresenta determinada habilidade muito cedo, podendo ser na área do conhecimento acadêmico, música, artes, entre outros. Seu desempenho é alto, porém não se tem garantia que se tornará um adulto que excederá o desempenho de seus pares. Seu desenvolvimento dependerá dos estímulos que receber, do empenho em desenvolver atividades na área de seu interesse, assim como a curiosidade por descoberta. (VIRGOLIM, 2007).

b) criança prodígio: apresenta desenvolvimento intelectual ao nível de um profissional adulto, Feldman (apud Virgolim, 2007) destaca a importância de se estudar a criança prodígio com o objetivo de entender o potencial da mente humana e a evolução da humanidade. “Os prodígios são, como um todo, especialistas extremos, especialmente bem sintonizados a um campo particular do conhecimento, demonstrando um domínio rápido e aparentemente sem esforço. [...]”(VIRGOLIM, 2007, p. 24).

c) gênio: a terminologia de gênio foi utilizado pela primeira vez em 1926 por Lewis Terman. Na época, era considerado gênio todo sujeito que apresentasse QI acima de 140, medido pelo teste de Binet. Pesquisadores da atualidade acordam que o termo deve ser utilizado para descrever as pessoas que contribuíram com seus feitos, beneficiando toda a humanidade, por exemplo, o jogador de futebol Pelé. (Alencar, Felshusenf, Feldman, apud Virgolim, 2007).

Terminologias como “altas habilidades” e “superdotados” são destinados para identificar pessoas que apresentam desempenho em alguma área do conhecimento

acima da média de seus pares. Nos EUA, usa-se mais o termo superdotação e na Europa, Altas Habilidades. (VIRGOLIM, 2007). Neste trabalho optamos por usar o termo altas habilidades.

Identificar um aluno com altas habilidades é importante para que os professores possam oferecer vivências de aprendizagem que potencializem seu desenvolvimento adequado proporcionando-lhe igualdade de acesso ao conhecimento de seu interesse.

Alunos com indicativos de altas habilidades estão presentes no cotidiano escolar, mas não recebem a devida atenção da equipe pedagógica. O termo altas habilidades, na resolução CNE/CEB, nº 02/2001, indica o aluno que apresenta facilidade na aprendizagem e domina com facilidade o conteúdo. Este aluno poderá ser avançado para as séries posteriores, o currículo deve ser adaptado às especificidades do aluno com indicativo de altas habilidades.

Para Virgolim (2010), a definição para altas habilidades na Política Nacional de Educação Especial de 1994 do MEC, é mais abrangente, contemplando o aluno além dos muros da escola, isto é, não apenas a visão acadêmica, seu interesse por outras áreas do saber deve ser potencializado, para a Política Nacional Educação Especial (2008), o aluno com altas habilidades pode:

[...] apresentarem notável desempenho e elevada potencialidade em qualquer dos seguintes aspectos, isolados ou combinados: capacidade intelectual geral; aptidão acadêmica específica, pensamento criativo ou produtivo; capacidade de liderança; talento especial para as artes e capacidade psicomotora (VIRGOLIM, 2010 p. 241).

Definindo cada potencialidade temos:

Na capacidade intelectual geral, o aluno é crítico, resolve problemas rapidamente, é independente em suas ações sabendo justificar cada atitude tomada, tem facilidade em liderar o grupo na qual está participando.

Capacidade acadêmica, ele apresenta ótimo desenvolvimento escolar, grande facilidade no entendimento do conteúdo. Pensamento criativo produtivo e tem facilidade em resolver situações de modo diferente, sempre com grande inovação.



Aluno superdotado de pensamento criativo e produtivo desenvolve idéias originais, diferentes dos demais, demonstram várias maneiras de observação de um mesmo fato e de como solucionar problemas.

O dotado de capacidade de liderança rapidamente ganha o reconhecimento de seu grupo social, suas idéias são aceitas e respeitadas. Quando envolvido em situações complexas consegue resolver facilmente.

Altas habilidades para artes, o aluno desenvolve habilidades para a escultura, teatro, música, filmagem, fotografia, dança, canto e tocar instrumentos musicais, sua percepção por detalhes é elevada, o que outras pessoas não observam ele desenvolve com facilidade.

Nas habilidades psicomotoras o aluno se destaca em alguma modalidade esportiva, utilizando desenvolvimento motor superior em atividades específicas, como agilidade, força, controle da coordenação motora fina e grossa.

Simonetti (2010) define a superdotação como potencial que o indivíduo tem acima do normal. A pessoa superdotada apresenta constantemente inovação em suas atitudes, deixando de lado a rotina. Para melhor entendermos a superdotação como potencial analisaremos alguns elementos que influenciam direta ou indiretamente a superdotação.

a) inteligência: de acordo com Guenter (2000), inteligência é uma combinação de várias capacidades que a pessoa pode ter herdado geneticamente ou ser desenvolvida no meio social no qual esta pessoa está inserida: “[...], a inteligência pode ser estimulada ou inibida pela forma de interação que se estabelece entre as configuração de predisposições existente no plano genético e as oportunidades providas pelo ambiente físico e social durante toda a vida” (GUENTHER, 2000. p.66). Assim, o aluno com altas habilidades/superdotação pode ter seu potencial estimulado ou inibido, de acordo com a estimulação disponibilizada ou não pela família, escola e grupo social. “Essa interação compreende todos os eventos, de todas as áreas de funcionamento físico, social e emocional da pessoa envolvida, e de outras pessoas eventos presentes no ambiente, dos quais ela toma consciência” (GUENTHER, 2000, p. 67).

A genética e o ambiente social, ambos são importantes para o desenvolvimento do aluno. Guenther (2000) afirma que os genes fornecem uma linha geral do sujeito com altas habilidades/superdotação, porém, a predisposição genética depende da influência/incentivo que o meio social ofertará. Será no meio social que as escolhas pessoais serão feitas e desenvolvidas (GUENTHER, 2000).

Simonetti (2010) descreve que a inteligência humana é desenvolvida/processada pelo cérebro, “podemos dizer que a aprendizagem começa quando o axônio de um neurônio conduz a informação sob forma de estimulação elétrica e transforma substâncias químicas, desenvolvendo conexões com as dendrites de outro neurônio” (SIMONETTI, 2010, p. 52). Ela tem início com o ingresso e contato com o mundo exterior, quando a criança nasce, seu sistema nervoso está pronto para ser estimulado e desenvolvido. Os incentivos que a criança recebe no seu processo de aprendizagem determina o desenvolvimento da inteligência e da personalidade, influenciando seu desenvolvimento humano.

b) criatividade: foram várias as teorias que se ocuparam em desvendar a origem da criatividade, uma das mais antigas é a que defendia a criatividade como um dom ou inspiração divina (ALENCAR, 2001). Atualmente o ato criativo é acompanhado pela novidade que é valorizada socialmente, pelo grupo de convivência.

Para Martinez (2001, apud Pereira 2007) o processo criativo está associado a dois critérios: a novidade e o valor que essa novidade representa ao ser reproduzido. Assim, a produção de cada sujeito tem relação direta com sua cultura, seu grupo social e o tempo histórico. Van Goh, pintor, contribuiu com sua criatividade subjetiva da realidade, mas seu desempenho não foi reconhecido por seu grupo social enquanto estava vivo. Após vários anos de sua morte, foi reconhecido como gênio e suas obras têm grande valor econômico: “[...] a criatividade necessita da chancela do grupo social e histórico para emergir, precisa ser reconhecida pelo outro, que vai atribuir valor e utilidade para a produção criativa” (PEREIRA, 2007, p. 16).

A psicologia do desenvolvimento considera que todo ser humano tem potencial criador, sua experiência social o incentivará a refinar seu potencial, sua cultura o influenciará diretamente. Quem aprende está em constante modificação e se incentivado o aluno adquire interesse para aprender os conteúdos a ele

apresentados, portanto, cabe à escola e à família alimentar e proporcionar momentos para potencializar o desenvolvimento desta criatividade. O educador pode auxiliar no momento em que planejar sua aula, escolhendo recursos condizentes com a realidade social e individual do aluno. Ao estar inserido em um grupo social, a criança aprende a cultura durante seu desenvolvimento, sendo um ser ativo, ela também produz cultura, “[...] um sujeito que vai atuar no sentido de produzir o novo e reconhecer o novo [...]” (PEREIRA, 2007, p. 17).

### 1.3.1 A Teoria dos Três Anéis

A Teoria dos Três Anéis, desenvolvida pelo pesquisador Joseph Renzuli, é a proposta de atendimento escolar para o aluno com altas habilidades proposta pelo Ministério da Educação (MEC). Renzuli (apud VIRGOLIM, 2005), dirige o Centro Nacional de Pesquisa sobre o superdotado e Talwntoso (NRC-G/T), da Universidade de Connecticut, Estados Unidos. Segundo Renzulli (apud VIRGOLIM, 2005), a inteligência possui várias características e a escola tem papel essencial de propor estratégias adequadas a fim de potencializar as habilidades do aluno, contribuindo assim com uma formação humana de qualidade.

A Teoria dos Três Anéis propõe que a pessoa com indício de altas habilidades apresenta três traços bem definidos: “habilidade acima da média (mas não necessariamente muito superior), criatividade e envolvimento com a tarefa, expressos em alguma área do conhecimento humano” (RENZULLI, 1978, 2001; RENZULLI; REIS, 1997, apud VIRGOLIM, 2010, p. 242).

A habilidade acima da média abrange a habilidade geral, quando o aluno recebe informações e sabe adequá-la ao conhecimento já adquirido, podendo assim solucionar problemas de raciocínio lógico matemático, lingüístico, desenvolvimento espacial; e a habilidade específica, na qual o aluno utiliza os recursos da habilidade geral com a finalidade de se dedicar a uma área do conhecimento ou do desenvolvimento humano, físico, esportes, entre outros (VIRGOLIM, 2005, 2010).

No envolvimento com a Tarefa, o sujeito dedica tempo e energia para solucionar o problema ou desenvolver uma atividade, “[...] e que pode ser traduzido em termos como perseverança, paciência, trabalho árduo, prática dedicada, auto confiança e

crença na própria habilidade de desenvolver um trabalho importante” (VIRGOLIM, 2010, p. 243).

A criatividade é uma das características mais evidente nos sujeitos que se destacam entre os seus pares, porém Virgolim (2010) destaca que esta habilidade é difícil de ser detectada em testes de criatividade que sejam confiáveis. Faz-se uso de testes alternativos para identificação do aluno com altas habilidade como registros do auto-relato de alunos e análise de suas produções. Em ambas as instituições públicas sediadas no estado do Espírito Santo, um grupo de alunos com altas habilidades se interessaram pelo desenho, a partir do interesse deles foi desenvolvido o projeto “X”, na qual eles participaram de visitas monitoradas pelo centro histórico da cidade, após retornarem para o ateliê, sob coordenação da professora, com instrução de técnicas de pintura em tela, desenvolveram desenho e pintura do objeto de seu interesse, neste caso um dos monumentos históricos, ao final das aulas foi avaliado o empenho do aluno com a tarefa desenvolvida. Assim foi possível fazer uso da “análise dos produtos criativos” (VIRGOLIM, 2010, p. 243).

Virgolim (2010) destaca que as altas habilidades abrangem fatores cognitivos, afeto, emoção. Havendo necessidade de ser observado o desenvolvimento do sujeito em sua realidade social, como ele convive com seu grupo, compartilha e produz sua cultura, sua capacidade de entender suas habilidades e interesses. Assim será possível entender os comportamentos das altas habilidades, entendidos como a reação do aluno que frequenta vários ambientes e apresenta os três traços: habilidade acima da média, envolvimento com a tarefa e criatividade. Faz-se necessário oferecer uma gama de oportunidades para potencializar o aluno que apresenta esses traços.

Com referência ao modelo dos Três Anéis, os três conjuntos são importantes, e nem sempre estão presentes na mesma proporção “[...] Eles ocorrem em uma interação dinâmica, e é por isso que os comportamentos de superdotação ocorrem em certas pessoas (não em todas as pessoas), em certos momentos (não em todos os momentos) em certas circunstâncias (não em todas as circunstâncias) [...]” (VIRGOLIM, 2010, p. 244). Os comportamentos das pessoas com altas habilidades têm influência parcial da personalidade, variando de pessoa para pessoa em virtude das características emocionais. Depende também da influência que o aluno recebe

do ambiente social no qual está inserido e também pelo fator genético (VIRGOLIM, 2010).

O aluno com indício de altas habilidades pode apresentar os aspectos citados acima, isolados ou combinados. Nem todos apresentam as mesmas habilidades, alguns materializam o potencial que tem e outros passam despercebidos. Todo aluno precisa de uma observação especial por parte do professor, família, cada um apresenta uma descrição individual.

A família do aluno com indício de altas habilidades tem papel importante em seu desenvolvimento, por apresentar grande habilidade de absorver informações esta criança apresenta desenvolvimento intelectual diferente do emocional, e a família precisa ter conhecimentos dessas nuances e entender este aluno. (CHAGAS, 2007).

Em outros momentos segundo Chagas (2007) a família não entende a curiosidade da criança em descobrir os fatos, repreendem este sujeito. Isso pode levar à falta de interesse, principalmente nos estudos. A família precisa de esclarecimento sobre altas habilidades, para estimular esta criança, entendendo-a quando não consegue alcançar o que foi solicitado, impedindo desequilíbrio emocional.

Para incluir o aluno superdotado a escola precisa dialogar constantemente com aluno, para saber o que ele quer aprender o assunto que o impulsiona e o motiva para descobrir o novo. Incentivando o educando a desenvolver bons hábitos de estudo, trabalhar a confiança em si mesmo, mostrando para ele que se persistir e se dedicar poderá alcançar bons resultados. “[...] Quando a escola regular está bem aparelhada, e fazendo um bom trabalho de educação para todos os alunos, a necessidade de programas especiais diminui, concentrando-se em algumas situações extremas”. (GUENTHER, 2000, p. 232).

Trabalhar a motivação envolve a busca por diversas estratégias de ensino, o planejamento das atividades pelo professor deve contemplar o aluno com altas habilidades, desde as atividades planejadas para a sala de aula como atividades extraclasse que estimulem o interesse dele. O importante é que a mediação propicie momentos de aprendizagem no qual o aluno se sinta valorizado e respeitado pelas

suas altas habilidades e, também, pelas habilidades que não são tão expressivas assim e pelas suas dificuldades.

O aluno com altas habilidades deve ser atendido em suas especificidades, tanto no que se refere à habilidades acima da média, quanto aquelas que estão em níveis convencionais de desenvolvimento e, principalmente, aquelas que estão abaixo do desenvolvimento convencional. Muitas vezes, pais e professores se esquecem que o aluno com altas habilidades também pode apresentar dificuldades acadêmicas e sociais. Assim, é dever da comunidade escolar desenvolver meios que ofereçam ao aluno ferramentas para ele que ele desenvolva estudos independentes a fim de potencializar seu talento, mas também, é importante estimular habilidades diversas que permitam a construção do sujeito inteiro (NICOLOSO, 2000).

A sala de recursos disponibilizada pela escola pode também servir como meio de inclusão e aprofundamento da área de interesse do aluno, assim como pode servir para os outros alunos da escola, já que os materiais poderão ser utilizados pelos demais alunos da instituição escolar. Outra forma de incluir o aluno com altas habilidades são as atividades realizadas na escola, colocar o aluno para auxiliar os colegas em determinadas aulas, criar atividades e campeonatos esportivos, e alguns cursos que poderão ser ministrados por voluntários. É importante ressaltar que toda a atividade planejada deve incluir o aluno com altas habilidades, ou seja, os demais colegas devem participar destes momentos. (GUENTHER, 2000)

Todas as atividades realizadas devem de fato ter o aluno como principal beneficiado, é importante ressaltar que se o aluno não sentir-se motivado para realizar tais atividades, rapidamente ele perderá o interesse e conseqüentemente abandonará o trabalho. A equipe docente deve manter momentos de formação para debater os avanços dos alunos, assim como discutir os trabalhos desenvolvidos, como podem sofrer modificações que contemple o aluno. “[...] A escola é o espaço da educação, ali encontram-se diariamente as crianças, entra-se mais facilmente em contato com as famílias, e há certa concentração de dados e informações sobre o aluno, individualmente.” (GUENTHER, 2000, p. 232).

Analisando a história das altas habilidades é possível observar que o avanço tem proporcionado maiores informações sobre o assunto, porém ainda há um grande

número de professores que desconhecem o assunto, dificultando a identificação e maiores informações sobre estratégias de inclusão desenvolvidas. Percebe-se a necessidade de constante diálogo entre a escola que aluno frequenta e os espaços para atendimento ao aluno com altas habilidades.

## **II – OBJETIVOS**

## **2.1- Objetivo geral**

Conhecer o processo de identificação, atendimento e inclusão de alunos com altas habilidades de uma cidade do Espírito Santo.

### **2.1.1- Objetivos específicos**

- a) Descrever o funcionamento de instituições pública e privada que identificam, atendem alunos com altas habilidades e promovem o processo de inclusão.
  
- b) Conhecer as mediações utilizadas pelos professores no atendimento educacional especializado aos alunos com altas habilidades que favoreçam o desenvolvimento do seu potencial e talento.
  
- c) Identificar as práticas pedagógicas que favoreçam aprendizado para o aluno com indicativos de altas habilidades para a promoção de sua inclusão escolar.
  
- d) Identificar instrumentos utilizados pelos profissionais para a identificação do aluno com altas habilidades no espaço escolar.



### **III- METODOLOGIA**

#### **3.1- Fundamentação Teórica da Metodologia**

O sujeito se constitui a partir dos vários encontros sociais que estabelece, sofrendo e promovendo influências de muitas dinâmicas culturais diferentes, isso porque uma pessoa pertence a vários grupos sociais que compõe a sociedade. (KELMAN, 2010). Nesse sentido, entendemos que o aluno com altas habilidades/superdotação se beneficia muito do convívio da escola, quando ela consegue: 1º ) identificar as necessidades específicas deste aluno, 2º) oferecer atendimento especializado para este aluno e 3º) potencializar as relações de troca entre esse aluno, seus pares, professores e demais pessoas que compõem a comunidade acadêmica. Nesta monografia usaremos o termo altas habilidades, já que os dois termos altas habilidades/superdotação tem o mesmo significado.

Para estudar a inclusão de alunos com altas habilidades, entendemos que a metodologia qualitativa é a melhor opção metodológica porque a inclusão se dá no tecido social, por meio das interações sociais que acontecem na escola e fora dela. Portanto, esta metodologia é útil por permitir que a pesquisadora investigue as diferentes relações sociais que permeiam o processo inclusivo, a partir de técnicas de pesquisa que privilegiam o contato direto com as pessoas que promovem a inclusão dos alunos com altas habilidades.

Na metodologia qualitativa os pesquisadores dialogam com o fenômeno estudado durante todo o processo de pesquisa. Por isso, Caixeta (2006) afirma que os pesquisadores têm participação importante no desenvolvimento da pesquisa, já que desempenham papel ativo tanto na tomada de decisões no processo de pesquisa quanto na interpretação que constrói no diálogo com os dados e com a referência teórica.

Na perspectiva qualitativa, a narrativa ganha autores e o ato comunicativo tem a oportunidade de ser exposto, gerando conhecimento científico, isso acontece por meio da utilização da metodologia como processo cíclico, desenvolvida por Branco e Valsiner (1997, 1999, 2004, apud MACIEL e RAPOSO, 2010). Nesse modelo, a experiência intuitiva é central, pois o sujeito produz cultura e é influenciado pelas

culturas, gerando mudanças em si e no seu ambiente. Em volta da experiência intuitiva estão os métodos e dados, as suposições sobre o mundo, a teoria e os fenômenos que constroem uma relação mútua, na qual um influencia o outro na medida em que também é influenciado por ele. “Neste modelo, os processos de pensamento e reflexão do investigador estão em contínua interação dialética com o fenômeno investigado levando, assim, à construção de novos conhecimentos” (BRANCO & VALSINER, 1997;1999 apud MACIEL&RAPOSO, 2010, p. 79).

Nesta monografia, conheceremos o trabalho feito por instituições sediadas no estado do Espírito Santo para a identificação, atendimento e o acompanhamento de alunos com altas habilidades. Tendo em vista o caráter da pesquisa qualitativa, utilizaremos entrevistas com roteiro com a intenção de promover o diálogo dirigido, mas não rígido, entre a investigadora e os profissionais que estão diretamente envolvidos com o fenômeno investigado. Assim, teremos a chance de compreender o processo de inclusão, que é o nosso foco (MACIEL e RAPOSO, 2010).

### **3.1.Participantes**

Participaram deste estudo quatro profissionais de três instituições: uma instituição privada A, duas públicas B e C, do estado do Espírito Santo.

Da instituição pública B, participaram duas professoras facilitadoras, uma dessas professoras facilitadoras também trabalhava na instituição particular A e da outra instituição pública C participou uma coordenadora. Da instituição particular A, participou uma coordenadora (ver tabela 1)

Tabela 1: mostra a descrição detalhada das participantes da pesquisa

Nome Fictício	Instituição a que pertence	Tempo que trabalha com alunos superdotados	Área de graduação	Função que exerce na instituição
Maria	B	4 anos	Letras	Professora facilitadora da instituição, visita escolas para conversar com professor, pedagogo, saber como está o desenvolvimento do aluno ao freqüentar a instituição.
Fabiana	A e B	4 anos	Letras	Professora facilitadora da instituição, visita escolas para conversar com professor, pedagogo, saber como está o desenvolvimento do aluno ao freqüentar a instituição. Já trabalhou na instituição C, realizando o mesmo trabalho, porém nesta instituição havia trabalho também com a família. Na instituição A Trabalhava desenvolvendo seminários e auxiliando as instituições que se interessavam pela implantação de núcleos de atendimento para o aluno com altas habilidades.
Andréia	C	20 anos	Pedagogia	É coordenadora da instituição, organiza palestras em escolas, grupos de estudos, seminários, cursos de formação,

				assessoramento pedagógico, que oferece atendimento ao aluno, trabalha grupos de estudos com a família e oferece atendimento e formação para os professores que estejam interessados em adquirir conhecimento sobre altas habilidades.
Audinéia	A	Pedagogia	17anos	Coordenadora da instituição organiza curso de formação de 120 horas sobre altas habilidades (é um curso específico no estado e exigido como pré-requisito para os professores que irão trabalhar com alunos com altas habilidades, na rede pública de ensino), assessoramento pedagógico para instituições que desejam iniciar atendimento para alunos com altas habilidades. Busca parcerias com outras instituições públicas e privadas para o desenvolvimento dos projetos de interesse dos alunos com altas habilidades.

Nas instituições públicas que oferecem atendimento para o aluno com altas habilidades, o professor recebe o nome de facilitador, pois ele trabalha em conjunto com o aluno, orientando no desenvolvimento do projeto de interesse do aluno, ou seja, ele facilita o aluno no desenvolvimento de seu potencial.

### **3.2. Instrumentos para a construção das informações**

Para realização desta pesquisa, foram elaborados três roteiros de entrevistas um para cada instituição. Nestes roteiros as perguntas tinham o objetivo de conhecer como acontecia a identificação do aluno com altas habilidades e como era feito o encaminhamento e o atendimento para esse aluno. Os roteiros também tiveram a preocupação de investigar as parcerias que as três instituições faziam para desenvolver os projetos dos alunos com altas habilidades, ou seja, os projetos que possibilitavam potencializar os talentos e áreas de interesse do aluno.

- **Roteiro de entrevista para a coordenadora da instituição pública C**

Em que data essa instituição pública iniciou suas atividades?

Quais são os planos de ação (os objetivos)?

Qual é a clientela que a instituição atende?

Qual procedimento adotado para identificar o aluno indício de altas habilidades?

Qual é o papel do professor do ensino regular neste processo?

Qual é o trabalho desenvolvido com a família deste aluno?

Como a instituição envolve a escola de ensino regular que o aluno com altas habilidades freqüenta?

Qual é a duração do atendimento disponibilizado para o aluno? Meses/anos.

Quais os profissionais além dos professores que oferecem atendimento ao aluno nesta instituição pública?

Como é feita a escolhas das atividades que serão desenvolvidas pelo aluno?

Que atividades são essas?

Esta instituição tem parceria com alguma instituição acadêmica?

Os procedimentos desenvolvidos são documentados, podendo ser utilizados em pesquisas acadêmicas futuras?

Como são tomadas as decisões referentes ao futuro do aluno que frequenta esta instituição?

- **Roteiro de entrevista para a coordenadora da Instituição particular A**

O que é a esta instituição?

Em que data iniciou suas atividades?

Quais são os, planos de ação da instituição?

Qual clientela que a associação atende?

Qual procedimento é adotado para identificar o aluno com de altas habilidades?

Qual é o papel do professor do ensino regular neste processo?

Qual trabalho é desenvolvido com a família do aluno?

Qual é o papel desta instituição particular com a escola de ensino regular que o aluno frequenta?

Como é feito o atendimento para o aluno com altas habilidades?

Quais as parcerias que a associação possui para disponibilizar atendimento para o aluno?

Em quais áreas do conhecimento é oferecida atendimento para o aluno participar?

Quais os profissionais que oferecem atendimento pela associação, além dos professores?

Os trabalhos desenvolvidos por esta instituição particular são documentados, podendo ser utilizados para pesquisas acadêmicas futuras?

Como é decidido as decisões referentes ao futuro dos projetos desenvolvidos com os alunos?

- **Roteiro de entrevista para as professoras facilitadoras da instituição pública B**

Como você identifica o aluno que poderá ter indício de altas habilidades?

Qual apoio pedagógico que você recebe para trabalhar com aluno com altas habilidades?

A instituição disponibiliza recursos materiais e professores especializados para te oferecer suporte adequado?

O currículo escolar é adaptado para atender o aluno com altas habilidades /superdotação?

Você percebe quando o aluno com altas habilidades sente-se incluído no ambiente escolar?

Quando a inclusão não acontece efetivamente quais medidas são tomadas?

Como é o relacionamento social e o desenvolvimento acadêmico do aluno com altas habilidades?

Quais são as observações que vocês tem a ponderar sobre o atendimento disponibilizado ao aluno, sugestão que possa contribuir para a qualidade do aprendizado na sala de aula?

Você já participou de algum curso de formação sobre altas habilidades ?

### **3.3. Materiais**

Usamos gravador de áudio, um caderno, lápis, borracha e caneta.

### **3.4. Procedimentos de construção das informações**

A construção das informações aconteceu em uma instituição particular A e em duas instituições públicas B e C. Estas instituições foram escolhidas por oferecerem condições de identificação, encaminhamento e atendimento ao aluno com altas habilidades. Para que as entrevistas fossem realizadas, a Universidade de Brasília enviou um comunicado para a Secretaria Estadual de Educação e um ofício para a Secretaria Municipal de Educação da cidade, informando que os alunos do curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar estariam realizando pesquisas em instituições de ensino que oferecessem atendimento inclusivo. Além disso, a pesquisadora elaborou um Termo de Consentimento Livre Esclarecido para participação em Pesquisa, que foi assinado por todas as participantes antes da realização de qualquer procedimento de pesquisa. (Ver apêndice D)

No primeiro momento foram realizadas oito visitas à instituição particular A, para observação dos procedimentos. Essas visitas foram realizadas em horários extras a sala de aula e foram combinadas antecipadamente com a participante, assim como a entrevista concedida por ela.

No segundo momento foram realizadas cinco visitas à instituição pública B para conhecimento do espaço físico, projeto que são freqüentados pelos alunos e posteriormente entrevista com a professora facilitadora Maria. Local onde ela concedeu a entrevista.

Em outro momento, aconteceu a entrevista na instituição pública C. Estas entrevistas foram gravadas em áudio, utilizando um gravador de áudio. Em todas as visitas, a pesquisadora carregava consigo um caderno onde fazia anotações, sempre ao final das visitas e posteriormente, das entrevistas. Estas anotações tinham como objetivo registrar o que foi observado e até dialogado posteriormente às entrevistas e visitas.



## IV- RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nessa parte nós iremos apresentar os resultados obtidos, de acordo com cada objetivo desta pesquisa. Assim os objetivos elaborados foram:

- Descrever o funcionamento de instituições pública e privada que identificam, atendem alunos com altas habilidades e promovem o processo de inclusão.
- Conhecer as mediações utilizadas pelos professores no atendimento educacional especializado aos alunos com altas habilidades que favoreçam o desenvolvimento do seu potencial e talento.
- Identificar as práticas pedagógicas que favoreçam aprendizado para o aluno com indicativos de altas habilidades para a promoção de sua inclusão escolar.
- Identificar instrumentos utilizados pelos profissionais para a identificação do aluno com altas habilidades no espaço escolar.

Antes, porém, apresentaremos a contextualização dos ambientes em que a pesquisa foi desenvolvida.

A instituição particular A é uma entidade da sociedade civil, sem fins lucrativos, de duração indeterminada que congregam pais, professores, estudiosos, pessoas interessadas em questões de inteligência, criatividade e superdotação. Tem por finalidade a inclusão social das pessoas com altas habilidades e o estímulo de suas potencialidades e talentos; informar e sensibilizar as pessoas a importância de se criar condições favoráveis para o desenvolvimento e talento; contribuir para a formação de recursos humanos destinados a pesquisas, identificação e atendimento de pessoas com altas habilidades; promove congressos, seminários, simpósios, encontros, cursos e outras atividades; colabora com entidades públicas e privadas que são responsáveis para elaborar e desenvolver a política do atendimento e inclusão das pessoas com altas habilidades. Promove cursos de formação, encontros entre familiares e pessoas com altas habilidades, assim como disponibiliza para estudos científicos e pesquisas concernentes a identificação e atendimento dos alunos com altas habilidades e superdotação, onde foi desenvolvida a parte teórica sobre altas habilidades desta monografia.

O espaço físico desta instituição funciona em um espaço comercial da cidade, conta com três salas, uma destinada a recepção das pessoas que chegam até a instituição, outra para o administrativo e outra sala dispõe de um rico acervo de livros sobre o tema altas habilidades.

A instituição particular A conta com uma diretoria composta por: 1 presidente, 1º e 2º vices-presidentes; 1º e 2º secretário e 1º e 2º tesoureiros. A diretoria é eleita pelos sócios da instituição por meio de uma assembléia geral, esses sócios são pessoas físicas e jurídicas. Não foi possível saber o número exato de sócios que compõe essa instituição. Essa diretoria elabora os planos, programas e orçamentos anuais, os cargos eletivos desta instituição não são remunerados. Tem seu trabalho desenvolvido há 20 anos.

A instituição pública B, identifica e oferece atendimento específico para o aluno funciona em uma escola do ensino regular do município. Seu espaço físico conta com 7 salas, distribuídas entre administrativo e salas onde alguns dos projetos são desenvolvidos. Possui um espaço para leitura com um pequeno acervo de livros, sala com três computadores, sala de artes, sala de vídeo. Esta instituição tem desenvolvido seu trabalho há 5 anos.

O espaço administrativo conta com 1 coordenadora, 1 pedagoga, e vários professores facilitadores, os profissionais são das várias áreas da educação como: pedagogia, artes, letras, matemática, inglês. São preparados por meio de cursos realizados pela instituição particular descrita anteriormente, acompanhados e orientados por profissionais especialistas da área da educação especial. Os atendimentos são realizados com a finalidade de enriquecer o currículo dos alunos com altas habilidades.

Com referência ao espaço pedagógico não foi possível ter conhecimento minucioso, pois o estatuto/projeto político pedagógico não foi disponibilizado, ficando apenas conhecidos os trabalhos das entrevistadas.

A instituição pública C, identifica o aluno com altas habilidades, encaminha para atendimento, disponibiliza unidade de atendimento para a família, unidade de

atendimento para escola e professores que se interessam pelo tema altas habilidades.

Esta tem seu trabalho desenvolvido há 16 anos, iniciou suas atividades a partir do momento em que professores e pais solicitaram à Secretaria Estadual de Educação estudos e ações que pudessem atender os alunos com indicio de altas habilidades. O principal objetivo desta instituição é a promoção do desenvolvimento das habilidades dos alunos, considerando sua condição sócio-econômica, favorecendo a potencialização do seu talento e crescimento e sua contribuição para a sociedade. A diferença de atuação para a instituição é que na instituição C a família tem atendimento, os pais são orientados nos grupos de estudos em como lidar com o filho superdotado. *“Nós fazemos formação, o grupo de estudo deste ano a gente abriu para os pais. Nós temos um encontro que se chama “Unidade em Ação”, este ano aconteceu duas vezes. Quando a gente faz formação para os pais, orientação, mas nós também fazemos quando eles vêm nos procurar.”* (Coordenadora Andréia<sup>1</sup>).

Atualmente, funciona em uma escola estadual, conta com uma sala administrativa, com alguns computadores, que serve para os professores planejar e registrar as atividades desenvolvidas nos espaços disponibilizados pelos parceiros da instituição. Todo trabalho desenvolvido é registrado em forma de relatórios, fotos, arquivado e disponibilizado para pesquisa.

A instituição atende os alunos da rede estadual de ensino, o atendimento é realizado no contra turno, assim o aluno frequenta o ensino regular e recebe atendimento nas instituições em turno contrário. O atendimento acontece na instituição para os alunos que estão sendo atendidos na sala de recursos e em outros locais que formam parceria com a instituição e oferecem estrutura física e profissional que possa atender o aluno de acordo com o projeto de seu interesse.

Esta instituição pública tem uma unidade de atendimento para a família, unidade de estudo e atendimento para o professor; formação na área de altas habilidades também para o professor. Disponibiliza professores que visitam as escolas quando solicitados para promoverem esclarecimento sobre altas habilidades por meio de

---

<sup>1</sup> Andréia nome fictício

capacitação, palestras, assessoramento pedagógico para os municípios que tem interesse em oferecer atendimento para alunos com altas habilidades, neste ano (2010), segundo coordenadora Andréia, foram realizado aproximadamente 30 visitas assessoramento pedagógico. São informações sobre altas habilidades, como é a indicação e o atendimento, instalação de um núcleo, os municípios estão demonstrando interesse para disponibilizarem atendimento especial para o aluno com altas habilidades, segundo a Coordenadora Andréia.

Retomando os objetivos da pesquisa, apresentamos os resultados:

**4.1 Descrever o funcionamento de instituições pública e privada que identificam, atendem alunos com altas habilidades e promovem o processo de inclusão.**

A tabela 2 traz um comparativo sobre o funcionamento de cada uma das três instituições no que se refere ao processo de identificação e acompanhamento de alunos com altas habilidades. As instituições B e C trabalham diretamente com os alunos com altas habilidades, sendo que a instituição C também oferece atendimento para os professores e as famílias, fornecendo informações sobre o que é altas habilidades e como trabalhar com alunos com altas habilidades. A instituição busca parcerias na iniciativa pública e privada que possam fornecer atendimento aos alunos das instituições públicas B e C.

Tabela 2: Quadro de procedimentos sobre a identificação e atendimento que cada uma das instituições:

Procedimentos	Instituição A	Instituição B	Instituição C
Identificação	Não trabalha diretamente com o aluno.	De 1ª a 4ª série: utiliza a Guia de Orientação criada pela professora Zenita Guenther(2000), pela Universidade Federal de Lavras. O professor facilitador explica para o professor regente,	De 1ª a 4ª série: utiliza a Guia de Orientação criada pela professora Zenita Guenther (2000), pela universidade Federal de

		pedagogo e diretor como funciona a Guia, quais são os critérios a serem observados. Os dados são tabulados e o aluno é indicado para atendimento.	Lavras.  Os dados recebidos são tabulados e o aluno é indicado para atendimento.
Atendimento	Busca parceria com instituições públicas e privadas e pessoas voluntárias para viabilizar os projetos dos alunos das instituições B e C. As instituições e pessoas parceiras disponibilizam espaço físico e pessoas para a implementação do projeto desenvolvido por cada aluno/a. Além das parcerias a instituição	O professor facilitador recebe a Guia de Orientação preenchida pelo professor regente. Tabula essas informações. Conversa com o aluno sobre a sua área de interesse. Entrega um termo de compromisso que o aluno leva para casa com a finalidade de informar a família sobre o trabalho que será desenvolvido com o seu filho no contraturno. Se o responsável consentir, ele assina o termo, o aluno leva para a escola e entrega ao professor facilitador quando ele for visitar a escola.  A partir daí o aluno	O aluno que a família consente sua participação por meio de assinatura da liberação. Ele é encaminhado para um professor facilitador que orienta no desenvolvimento de seu projeto.  Os professores tem uma unidade de atendimento com grupos de estudos e formação no curso.  A instituição disponibiliza para a família uma unidade de atendimento com

	presta serviço de assessoria para instituições interessadas em oferecer identificação e atendimento para o aluno com altas habilidades.  Oferece curso de formação na área de altas habilidades e superdotação	começa a freqüentar a instituição. Sempre orientado por um professor facilitador inicia a criação do projeto de seu interesse. Sendo encaminhado para outros projetos ao final do período mínimo de seis meses de participação na sua área de interesse inicial.	grupos de estudos sobre tema.  A instituição oferece consultoria para instituições que tem projeto de disponibilizar identificação e atendimento para aluno com altas habilidades.
--	--	--	--

Como se vê na tabela 2, as instituições B e C trabalham diretamente com o aluno. A diferença entre elas é que a Instituição C disponibiliza unidade de atendimento para a família e outra para o professor, além de oferecer assessoramento pedagógico para instituições interessadas em oferecer atendimento especializado para alunos com altas habilidades.

A instituição particular A não trabalha diretamente com alunos. Ela faz a busca de parcerias entre empresas/instituições/universidades privadas e públicas, pessoas da sociedade civil organizada ou não. O estabelecimento de parcerias tem a ver com os desejos dos alunos superdotados, ou seja, essas parcerias têm o objetivo de permitir e viabilizar o projeto do aluno atendido na rede pública e particular de ensino no que se refere as suas altas habilidades. Essas instituições/empresas/universidades prestam serviço voluntário para as instituições B e C, mas a responsabilidade da formalização do contrato é da instituição A.

#### **4.2. Identificar instrumentos utilizados pelos profissionais para identificação do aluno com altas habilidades no espaço escolar.**

Tanto na Instituição B quanto na C, para identificação do aluno com altas habilidades que estiver cursando as séries iniciais do ensino fundamental, é utilizada a Guia de Observação de alunos em sala de aula, desenvolvida pela pesquisadora Zenita Guenther(2000), da Universidade de Lavras. Na instituição B, as professoras facilitadoras se deslocavam até as escolas, realizavam palestras para pedagogo e professor regente, esclarecendo qual é o objetivo da educação especial, da instituição que atende aluno com altas habilidades. Explica com será realizado o trabalho do professor regente e do professor de educação física na indicação do aluno, o professor irá “[...], *indicar os melhores alunos em cada item que tem na Guia de Observação [...]*” (Professora Fabiana<sup>2</sup>). Quando o professor regente devolve a Guia de Orientação para o professor facilitador, este faz a tabulação das informações “[...], *tabulo para identificar os talentos, se eles são criativos, se eles são de inteligência geral ou social, aonde estão identificados, em que domínio de inteligência são identificados*”(Professora Maria<sup>3</sup>). Para estes alunos a identificação precisa acontecer duas vezes para não gerar precocidade “[...], *no outro ano a gente vai fazer o mesmo processo, faz a mesma tabulação de novo e chama o aluno para freqüentar a instituição B*”[...]. (Professora Fabiana).

Na instituição C, a Guia de Observação em sala de aula, elaborada pela professora Zenita Guenther (2000) é utilizada para a identificação do aluno das séries iniciais do ensino fundamental. O professor regente indica por meio da Guia os alunos que se destacam nas áreas de exatas e humanas, entre outros talentos que a guia não contempla. Para a entrevistada Andréia, o professor é fundamental na identificação do aluno com altas habilidades, “[...] *Ele é o principal ponto para poder identificar, pra poder caminhar. Claro que depois vem seguido dos gestores da escola, os pais, família. Mas o professor ele é o primeiro. [...]*”. (Coordenadora Andréia). A identificação acontece no terceiro trimestre, de acordo com Andréia, o professor já conhece o aluno podendo indicá-lo para a área em que ele realmente possa desenvolver seu potencial.

---

<sup>2</sup> Fabiana nome fictício

<sup>3</sup> Maria nome fictício

A identificação do aluno das séries finais do Ensino fundamental, na instituição B acontece por meio de observação direta do professor, eles pedem solicitação aos professores das disciplinas. “[...]. *A parte de dificuldade é de 5ª a 8ª, é por observação direta aí a gente pede que os professores indiquem. [...]*” (Professora Fabiana). “As várias facetas do processo de identificação derivam das muitas concepções que embasam o tema – AH/SD.[...]” (CRUZ, 2007, p. 50).

Na instituição C, a identificação acontece por observação direta dos professores regentes, da direção da escola e dos pais. Nos momentos de planejamentos das matérias o professor facilitador conversa com o professor para saber quais os alunos que se destacam nas disciplinas de matemática, língua portuguesa, biologia, química, física, história, geografia, educação artística, educação física. “[...] *quando eles se encontram na área, para planejar nas áreas a gente senta com o professor para conversar quem são os melhores naquelas áreas que a professora Zenita fala na Guia de observação. Tem a guia para nos orientar.*” ( Professora Fabiana).

#### **4.3. Conhecer as mediações utilizadas pelos professores no atendimento educacional especializado aos alunos com altas habilidades que favoreçam o desenvolvimento do seu potencial e talento**

Na instituição pública B, o aluno recém chegado é orientado pelo professor facilitador, que media a construção de um projeto sobre o objeto que deseja aprofundar conhecimento. Após várias conversas entre o professor facilitador e o aluno, o projeto é elaborado, procura-se um instrutor da área de interesse escolhida pelo o aluno, iniciando o trabalho de aprendizagem.

Na instituição C, quando o aluno é indicado pelo professor e encaminhado para a instituição, ao chegar ele conversa com o professor facilitador sobre o seu interesse. Para o professor conhecer este aluno ele fica em observação assistida no período de seis meses a 1ano, mas tem alunos que, ao chegar à instituição o professor rapidamente identifica a área de domínio dele, de acordo com a coordenadora Andréia. A partir desta observação, o/a aluno/a é encaminhado/a para o projeto individual ou em grupo dependendo da área de interesse dele/a, se mais de um aluno se interessar por um assunto o projeto será iniciado com o grupo.



*“[...] O professor de educação especial para trabalhar com altas habilidades ele tem que tem um olhar... observar bastante, sabe, uma sensibilidade pra poder identificar, não deixar o aluno ficar com ele em sala de recurso, prendendo ele muito tempo, pois o professor de sala de recurso não dá conta da diversidade do aluno com altas habilidades[...]” (Coordenadora Andréia).*

De acordo com a Coordenadora Andréia, o professor de educação especial deve buscar parceria para atender o aluno, primeiro parcerias na escola de ensino regular que o aluno frequenta, depois na comunidade, se for inviável conseguir ajuda nesses espaços, o professor solicita o auxílio dos parceiros da instituição via instituição A. Ao ser incentivado, o aluno adquire interesse para aprender os conteúdos a ele apresentados. Cabe à escola, família e comunidade alimentar e proporcionar momentos para potencializar o desenvolvimento desta criatividade. O educador pode auxiliar no momento em que planejar sua aula, escolher meios condizentes com a realidade social e individual do aluno.

Quando o aluno está em observação assistida, ao longo de sua frequência na instituição C, é desenvolvido um portfólio. Este portfólio tem o registro de todos os passos de desenvolvimento do aluno, desde a localização da moradia, as áreas de interesse que ele indicou as atividades desenvolvidas, como é o comportamento do aluno no dia a dia. Segundo Andréia, este portfólio serve para o aluno se conhecer, ao mesmo tempo, serve para o professor conhecer o aluno, como desenvolveu suas habilidades, entre outros.

Os professores ao construírem suas identidades profissionais também são influenciados pela cultura. Na sociedade contemporânea há indicadores que apontam para uma identidade docente flexível e sensível à diversidade de alunos em sala de aula. A busca pelo conhecimento deve acontecer constantemente na práxis do educador, já que o conhecimento não é algo definitivo, mas necessário à promoção do diálogo (KELMAN, 2010).

**4.4. identificar ações que favoreçam um aprendizado para o aluno com indicativos de altas habilidades para a promoção de sua inclusão escolar.**

A instituição A é responsável por buscar parcerias entre pessoas, empresas particulares e públicas que ofertarão atendimento para o aluno com altas habilidades. Essas pessoas e empresas assinam um contrato de prestação de serviço voluntário. Neste contrato é informado o nome ou razão social, endereço, contato por número de telefone, endereço eletrônico e área de atuação do voluntário. Quando as instituições B e C, que atendem diretamente o aluno precisam de um profissional e que a mesma não disponibiliza elas acionam a instituição A, que indica o profissional.

*“[...] o nosso objetivo maior, nossos planos é de capacitar profissional, buscar parcerias, sensibilizar o poder público pra que atenda essa clientela que são alunos da educação especial que tem direito a atendimento diferenciado. Também por mais que a escola, as pessoas achem que esse menino por ser extremamente inteligente não precisa de atendimento, o poder público tem que atender sim, está na legislação o parecer nº 2, destaca quem é esse aluno, então a instituição tem a função de buscar essas parcerias, de buscar o poder público para que atenda essa clientela.” (Coordenadora Audinéia<sup>4</sup>).*

Na instituição B, uma das práticas pedagógicas da instituição é oferta de atendimento nos projetos de robótica, na qual os alunos são atendidos em uma escola particular que tem parceria com a instituição A, e oferece atendimento para o aluno que se interessa por esta área do conhecimento. Tem um artista plástico que oferece atendimento na área de escultura.

Segundo a entrevistada professora facilitadora Maria, as atividades que o aluno desenvolve são diferentes das desenvolvidas no ensino regular, como exemplo é o projeto de língua estrangeira, na qual o aluno chega e montar um projeto junto com a professora facilitadora, o intuito deles é de falar, escrever, ouvir e produzir algum trabalho na língua estrangeira que estão aprendendo. Neste caso os alunos montam uma página na rede mundial de computadores.

*“[...] quando eles vêm para aprender [...], que normalmente eles querem é falar, ler, escrever, ouvir e a produção. Que na escola o que normalmente acontece eles só aprendem a ler, então assim, eles não aprendem, nem todo mundo dentro daquele*

---

<sup>4</sup> Audinéia nome fictício.

*grupo tem talento em língua estrangeira. Estou falando da minha área aqui. Os meus alunos por exemplo, eles tem um blog em língua estrangeira. O que eles fazem aqui, eles não tem no cotidiano escolar, por exemplo, eles são encaminhados para robótica, alunos daqui ficaram em segundo lugar no campeonato brasileiro de robótica, em São Paulo, entendeu.”* (Professora Maria).

A visita do professor facilitador nas escolas do ensino regular acontece a cada quinze dias, o professor facilitador conversa com o aluno para saber se ele está gostando de participar do projeto que ele elaborou e como está seu desenvolvimento no ensino regular, ele registra o diálogo em relatórios que serão anexados ao portfólio daquele aluno. O intuito desta visita é saber se o aluno está incluído no processo de enriquecimento do seu potencial, e quando o professor regente solicita indicações de atividades o professor facilitador auxilia em dicas de planejamentos diversificados. “[...], a gente orienta que o professor desafie esse aluno com outras coisas, que ele tenha sempre um planejamento para aquele aluno, por exemplo, se ele gosta de um determinado autor, dá mais coisas, der livro para ele ler, desafie esse aluno com coisas diferentes. [...]” (Professora Maria). Dentro da escola, de acordo com a professora Maria, a orientação é que o professor potencialize o conhecimento que o aluno busca, segundo ela, em uma escola do ensino fundamental, um grupo de alunas queria adquirir conhecimento sobre câncer, e o conteúdo não estava programado no currículo para aquele momento. Mesmo assim o professor elaborou um trabalho junto com as alunas, na qual elas pesquisaram sobre o assunto e apresentaram o trabalho. Assim o professor repensou seu planejamento e potencializou o interesse pela pesquisa de suas alunas. “O projeto é uma atividade diferente do grupo, no sentido de que representa uma resposta direta a uma curiosidade, interesse imediato, expectativa ou vontade expressa pela criança, geralmente alguma coisa sua, às vezes íntima, pessoal e própria dela”. (GUENTHER, 2000, p, 198)

Sobre planejamento diversificado, após palestras realizadas nas escolas esclarecendo quem é o aluno com indicativo de altas habilidades, como preencher a guia de observação, muitos professores solicitam orientação, o diálogo do professor facilitador com o professor regente é de que ele realize um “[...], trabalho de

*enriquecimento curricular[...], até o professor exercitar um pouco da sua criatividade”* (Professora Fabiana).

Outro fator interessante na prática do professor da educação especial que atende o aluno com altas habilidades é a sensibilidade do professor. A facilitadora Fabiana recebeu um aluno na instituição B, que segundo a identificação, foi indicado para a área de matemática, pois o aluno se destacava na escola de ensino regular com boas notas, porém, quando ele chegou à instituição ele quis participar do projeto de artes. No momento da matrícula, professora Fabiana conversou com ele para que o mesmo se inscrevesse para matemática, após insistência do aluno, professora Fabiana o matriculou no projeto de artes. O aluno se destacou na área de artes e a professora reconheceu que *“[...] Provavelmente ele mesmo não iria conseguir acompanhar aquele grupo e ia pedir para sair e hoje ele se destacou dentro do grupo lá da instituição B em artes. Ai penso, se eu não tivesse o deixado ir como é que a gente poderia saber que ele tinha potencial em artes. Matemática ele não queria, poderia ser bom na escola em matemática pra cumprir tabela, pra cumprir as notas propostas pela escola. [...] Então assim a gente vai identificando, observando”* (Professora Fabiana).

Na instituição C, na sala de recurso, o aluno desenvolve as atividades de seu interesse, mas o professor facilitador realiza planejamentos para trabalhar com esse aluno. Se o aluno tiver interesse em alguma área do conhecimento diferente da disciplina de educação especial, o professor solicita a parceria do voluntário, disponibilizado pela instituição A. *“[...] Só que a gente sabe que o professor é limitado, se o aluno ele tem interesse na área de química, física e biologia, e o professor não domina, ele vai ter que procurar um professor especializado, voluntário.”* (Coordenadora Andréia). A instituição está elaborando a instalação de um laboratório de robótica em sua sede.

O aluno com altas habilidades está inserido no ensino regular, e precisa ser contemplado no atendimento especializado, e no planejamento do professor regente. Atualmente a identificação acontece por meio da observação feita pelo professor de sala de aula e o atendimento visa trabalhar o potencial identificado. Com o trabalho desenvolvido no ensino especializado será possível identificar outras habilidades do aluno. Como citado pela coordenadora Andréia, que o professor e a

peça principal na indicação do aluno com indícios de altas habilidades, faz necessário divulgação sobre o que é altas habilidades no meio escolar e na sociedade, como lidar com esse aluno, para que o mesmo tenha um desenvolvimento humano pleno. “O professor deve ser levado a sentir que ele é parte de um grande time em educação, e nunca um mero assistente de movimentos que buscam promover atenção especial ao estudante bem-dotado e talentoso.” (GUENTHER, 2000, p. 57).

## V- CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa foi conhecer o trabalho de três instituições do Espírito Santo sobre o trabalho que cada uma realiza na identificação, no atendimento especializado e na inclusão do aluno com altas habilidades. Os resultados evidenciaram que: a) a identificação do aluno com altas habilidades acontece por meio de um protocolo, denominado Guia de Orientação. Para que o protocolo seja avaliado pelas equipes de especialistas, as instituições contam com a participação dos professores regentes que são capacitados para observar os comportamentos dos alunos em sala de aula; b) o atendimento especializado para o aluno com altas habilidades acontece após sua identificação. Nas duas instituições públicas, o procedimento é parecido: os alunos diagnosticados recebem o auxílio de um professor facilitador no momento em que desenvolve um projeto de acordo com a sua área de interesse. Os professores facilitadores contam, muitas vezes com a ajuda de parceiros, articulados principalmente pela instituição A, que viabilizam a realização dos projetos dos alunos e c) os alunos que recebem atendimento especializado são acompanhados pelos professores facilitadores na escola de ensino regular. Eles realizam visitas às escolas para conversar com os alunos acompanhados pelas instituições. As visitas e diálogos pretendem saber se os alunos estão satisfeitos em participar do projeto, se querem mudar de projeto, assim como o professor facilitador conversa sobre desempenho do aluno no ensino regular e o desenvolvimento deles nos projetos escolhidos.

Com isto concluímos:

1. os professores regentes são essenciais no processo de identificação dos alunos com altas habilidades. Portanto, eles precisam ser bem informados sobre o que é altas habilidades e como elas podem se manifestar em sala de aula, haja vista que é pela observação dos alunos que os professores poderão identificar e auxiliar os alunos com altas habilidades na sala de aula e no seu processo de inclusão;
2. a necessidade de se respeitar a área de interesse dos alunos com altas habilidades. Cada qual apresenta um interesse ou vários interesses específicos, que precisam ser fomentados por meio de projetos, também específicos, que muitas vezes, vão para além do muro da escola. Assim, o papel dos professores facilitadores é ajudar os alunos a conhecer seus interesses, explorá-los encaminhá-los para a criação de projetos que garantam aos alunos atendidos a exploração de seus interesses, mas, também, o acompanhamento integral de sua pessoa, haja vista que alunos com altas habilidades podem apresentar dificuldades em áreas diversas do espaço escolar e

estas necessidades e até falta de interesse por determinadas áreas também precisam ser observadas e trabalhadas pela mediação com os professores regentes das salas regulares;

3. a inclusão dos alunos com altas habilidades acontece de fato quando todos que estão a sua volta se empenham em auxiliá-lo em seu desenvolvimento integral. Assim, família, escola e sociedade têm um papel fundamental na vida do aluno. O professor pode contribuir, potencializando o interesse ao planejar atividades diferentes; a escola, ao apoiar o trabalho desenvolvido no atendimento especializado e na orientação dos pais; a família pode contribuir entendendo as necessidades específicas de seus membros e ajudando no processo de potencialização de suas habilidades sem renegar auxílio àquelas áreas em que eles precisam de ajuda por estarem com dificuldades; a sociedade pode colaborar, discutindo o tema, apoiando ações de inclusão como formação continuada de professores, atendimento especializado aos alunos com altas habilidades e, principalmente, com o respeito pela diversidade e formas de se expressarem.
4. a formação continuada do professor é importante para a sua prática pedagógica. Ao dialogar com a teoria, o professor busca novos caminhos que possam contemplar a diversidade que encontra em sala de aula, afinal, os alunos com altas habilidades não é detêm todo saber. Em algumas áreas ele se destaca, mas em outras áreas do conhecimento ele precisa de auxílio. Por meio da formação continuada é possível romper com o mito de que os alunos com altas habilidades sabem tudo e que eles necessitam de atenção no processo de ensino aprendizagem como um todo.”[...]”. Algumas controvérsias de cunho filosófico, psicológico ou social surgem das leituras feitas sob os diversos ângulos dessas concepções, que muitas vezes remetem à construção de mitos ou idéias do senso comum, sendo um dos motivos o número pouco significativo de pesquisas na área.” (CRUZ, 2007, p. 50).
5. uma situação a ser refletida é sobre os alunos que podem ter indicativo de altas habilidades e, ao não serem diagnosticados pelo protocolo, ficam de fora do atendimento especializado. Como a escola de ensino regular pode pensar um planejamento para este aluno que não foi contemplado pelo diagnóstico? Em quê o professor regente pode contribuir no seu planejamento para este aluno? O aluno faz parte da escola, ele não é aluno apenas de um professor regente, mas de todo corpo docente que compõe o ambiente escolar no qual este aluno está inserido.

Como profissionais que atuam na educação, precisamos estar atentos ao trabalho desenvolvido em sala de aula, em nosso planejamento cotidiano para contemplar os talentos dos alunos em geral e dos alunos com altas habilidades, em especial. Obter

conhecimento científico sobre altas habilidades, manter diálogo com a família e a instituição especializada que atende o aluno são práticas que favorecem a inclusão com sucesso. (GUENTHER, 2000).

A parceria entre professores regentes e professores facilitadores é fundamental para que os alunos com altas habilidades recebam atendimento especializado ao mesmo tempo em que convive com os seus pares. Incluir, na perspectiva da diversidade é reconhecer os desafios como estímulos para o estudo e para a reflexão individual e coletiva. Este estudo não contemplou algumas especificidades sobre altas habilidades, como a identificação de todos os alunos que apresente indício de altas habilidades mesmo que os professores regentes não os reconheçam ou indiquem para acompanhamento; O atendimento e a inclusão dos alunos no ensino regular com desenvolvimento de trabalhos sobre o que é inclusão e altas habilidades, trabalhos que envolvam todas as pessoas que convivem no ambiente escolar, mas há necessidades de mais estudos sobre este tema, assim como pesquisas desenvolvidas, que possam comprovar como a identificação e atendimento acontecem enfatizando a inclusão que foi o assunto discutido ao longo dessa pesquisa.



## VI. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, E. M. L. S. A educação do superdotado: progressos recentes e perspectivas para o futuro. In: **Criatividade e a educação do superdotado**. Petrópolis: Vozes. 2001. cap, 9.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica** – Resolução nº 02 de 11 de setembro de 2001. Brasília: MEC-SEESP, 2001. Disponível em: <<http://uab.unb.br/moodle/mod/resource/view.php?inpopup=true&id=64237>> Acesso em 16 Ago. 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CEB nº 4** de 02 de outubro de 2009. Brasília: MEC-SEESP, 2009. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004\\_09.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_09.pdf)>. Acesso em 25 Maio 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Decreto nº 6.571** de 17 de setembro de 2008. Brasília: MEC-SEESP, 2009. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004\\_09.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_09.pdf)>. Acesso em 25 Maio 2010.

BRASIL. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 4024 de 20 de dezembro de 1961**. Brasília: Diário Oficial da União, DF, 27 dez. 1961. Disponível em [http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/fontes\\_escritas/6\\_Nacional\\_Desenvolvimento/idb%20lei%20no%204.024,%20de%2020%20de%20dezembro%20de%2019](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/6_Nacional_Desenvolvimento/idb%20lei%20no%204.024,%20de%2020%20de%20dezembro%20de%2019). acesso em 08 dez. 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/politica.pdf>>. Acesso em 25 Maio 2010.

BRASIL, Presidência da República, Secretaria Especial dos Direitos Humanos. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais**. Brasília, DF: Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência – CORDE, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Núcleos de altas habilidades/superdotação**. Brasília: MEC/SEESP, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/doc/edital%20unesco.doc> . Acesso em 25 dez. 2010.

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional 9894/96**. Brasília – 1996.

COELHO, C. M. M. Inclusão escolar. In: Maciel A. D; Barato, S. (Org.). **Desenvolvimento humano, educação e inclusão escolar**. Brasília: Editora UnB, 2010. p. 55-71.

CRUZ, C. **A construção de práticas de atendimento ao aluno com altas habilidades / superdotação no Espírito Santo**: alinhavando escritos e escutas. Vitória, ES. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Espírito Santo, 2007.

CHAGAS, J. F. **Conceituação e fatores individuais, familiares e culturais relacionados às altas habilidades**. Em: Fleith, D. S., & Alencar, E. M. L. S. (Orgs.). **Desenvolvimento de talentos e altas habilidades** (pp.15-23) . Porto Alegre: Artmed. 2007. Disponível em: <<http://virgolim.wikispaces.com/Textos>> Acesso em: 24 Ago. 2010.

\_\_\_\_\_. **Declaração Mundial Sobre Educação Para Todos: Satisfação das Necessidades Básicas de Aprendizagem.** Tailândia, 1990. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0008/000862/086291por.pdf>>. Acesso em 06 dez. 2010.

GUENTHER, Cunha Zenita. **Desenvolver Capacidades e Talentos: Um conceito de Inclusão.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

KELMAN, C. A. Sociedade, educação e cultura. In: Maciel A. D; Barato, S. (Org.). **Desenvolvimento humano, educação e inclusão escolar.** Brasília: Editora UnB, 2010. p. 11-54.

MACIEL, M. D; RAPOSO, M. B. T. Metodologia e Construção do conhecimento: contribuições para o estudo da inclusão. In: Maciel A. D; Barato, S. (Org.). **Desenvolvimento humano, educação e inclusão escolar.** Brasília: Editora UnB, 2010. p. 73-102.

MAGALHÃES, R.C.B.P. **Reflexões sobre a diferença:** uma introdução a educação especial. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003.

MANTOAN, Maira Teresa Eglér. **Integração x Inclusão: Escola (de qualidade) para todos.** Universidade Estadual de Campinas – Faculdade de Educação. Departamento de Metodologia de Ensino- Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino e Diversidade – LEPED/UNICAMP. Agosto de 1993. Disponível em: <<http://styx.nied.unicamp.br:8080/.../IntegInclusaoEscolaParaTodos.rtf>>. Acesso em 20 Nov. 2011.

MARTINEZ, Albertina Mitjans, **Criatividade no Trabalho Pedagógico e Criatividade na Aprendizagem - Uma relação necessária?**, em Tacca, M<sup>a</sup> Carmen V.R., Aprendizagem e trabalho pedagógico. Brasília: Unb 2009, 62f. Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão escolar. Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PG-PDS. Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED. Instituto de Psicologia – IP. Universidade de Brasília – UnB. Disponível em: <<http://uab.unb.br/moodle/mod/resource/view.php?inpopup=true&id=52871>> Acesso em 16 Mar. 2010.

MENDES, Enicéia Gonçalves, **A radicalização do debate sobre inclusão escolar no Brasil.** Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, v 11, n.33, p. 1-15, Spt. /Dec. 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782006000300002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782006000300002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 02 Mar. 2010.

NICOLOSO, C. M. F. ;FREITAS, S. N. **A escola atual e o atendimento aos portadores d altas habilidades. Educação.** Santa Maria, ano 2000, n.19. Disponível em: <<http://coralx.ufsm.br/revce/ceesp/2002/01/a2.htm>>. Acesso em 24 Ago. 2010.

PEREIRA, M. S. N; Estratégias de promoção da criatividade. In: FLEITH, D, de S. (Org). **A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação: Volume: 2: atividades de estimulação de alunos.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007.. 124p.

RIBEIRO, J. C. C. **Deficiência Mental Leve – Um estudo sobre as concepções da deficiência frente a perspectiva inclusiva.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Brasília, Brasília, 2002.

SIMONETTI, Dora Cortat. **Dotação e Talento**: indicadores neuropsicológicos. Vitória: GSA, 2010.

SOARES, Maria Rosana. **História e Tendências da Educação Inclusiva**. 24 ago.2009. Disponível em:<<http://www.webartigos.com/articles/23748/1/HISTORIA-E-TENDENCIAS-DA-EDUCACAO-INCLUSIVA/pagina1.html>>. Acesso em 07 dez. 2010.

VIRGOLIM, A. M. R. **A educação de alunos com superdotação**. Em: Secretaria de Educação especial (org.). Ensaio Pedagógico: Construindo escolas inclusivas (pp. 145-158). Brasília, DF: MEC – SEESP.2005. Disponível em < <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/altashab1.pdf>>. Acesso em 24 Ago. 2010.

VIRGOLIM, A. M. R. **Altas Habilidades**: encorajando potenciais. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. 70p.

VIRGOLIM, A. M. R. O aluno com altas habilidades na escola. In: Maciel A. D; Barato, S. (Org.). **Desenvolvimento humano, educação e inclusão escolar**. Brasília: Editora UnB, 2010. p. 237-258.

**Educação Especial**. [S. l.:s.n., 19--?].wikilingue .Disponível em: <[http://pt.wikilingue.com/es/Educação\\_\\_especial](http://pt.wikilingue.com/es/Educação__especial)> Acesso em 04 dez. 2010.

## **APÊNDICES**

## **Apêndice A – Roteiro de entrevista para a coordenadora da Instituição particular A**

O que é a esta instituição?

Em que data iniciou suas atividades?

Quais são os, planos de ação da instituição?

Qual clientela que a associação atende?

Qual procedimento é adotado para identificar o aluno portador de altas habilidades/superdotação?

Qual é o papel do professor do ensino regular neste processo?

Qual trabalho é desenvolvido com a família do aluno?

Qual é o papel desta instituição particular com a escola de ensino regular que o aluno frequenta?

Como é feito o atendimento para o aluno portador de altas habilidades e superdotação?

Quais as parcerias que a associação possui para disponibilizar atendimento para o aluno?

Em quais áreas do conhecimento é oferecida atendimento para o aluno participar?

Quais os profissionais que oferecem atendimento pela associação, além dos professores?

Os trabalhos desenvolvidos por esta instituição particular são documentados, podendo ser utilizados para pesquisas acadêmicas futuras?

Como é decidido as decisões referentes ao futuro dos projetos desenvolvidos com os alunos?

Que apoio é destinado para professores interessados em adquirir conhecimento sobre altas habilidades e superdotação?

## **Apêndice B- Roteiro de entrevista para as professoras facilitadoras da instituição pública B**

- Como você identifica o aluno que poderá ter indício de altas habilidades/superdotação?
- Qual apoio pedagógico que você recebe para trabalhar com aluno com altas habilidades/superdotação?
- A instituição disponibiliza recursos materiais e professores especializados para te oferecer suporte adequado?
- O currículo escolar é adaptado para atender o aluno com altas habilidades /superdotação?
- Você percebe quando o aluno com altas habilidades sente-se incluído no ambiente escolar?
- Quando a inclusão não acontece efetivamente quais medidas são tomadas?
- Como é o relacionamento social e o desenvolvimento acadêmico do aluno portador de altas habilidades/superdotação?
- Quais são as observações que vocês tem a ponderar sobre o atendimento disponibilizado ao aluno, sugestão que possa contribuir para a qualidade do aprendizado na sala de aula?
- Você já participou de algum curso de formação sobre altas habilidades /superdotação?

## **Apêndice C - Roteiro de entrevista para a coordenadora da instituição pública**

### **C**

- Em que data essa instituição pública iniciou suas atividades?
- Quais são os planos de ação (os objetivos)?
- Qual é a clientela que a instituição atende?
- Qual procedimento adotado para identificar o aluno indício de altas habilidades/superdotação?
- Qual é o papel do professor do ensino regular neste processo?
- Qual é o trabalho desenvolvido com a família deste aluno?
- Como a instituição envolve a escola de ensino regular que o aluno com altas habilidades/superdotação frequenta?
- Qual é a duração do atendimento disponibilizado para o aluno? Meses/anos.
- Quais os profissionais além dos professores que oferecem atendimento ao aluno nesta instituição pública?
- Como é feita a escolhas das atividades que serão desenvolvidas pelo aluno?
- Que atividades são essas?
- Esta instituição tem parceria com alguma instituição acadêmica?
- Os procedimentos desenvolvidos são documentados, podendo ser utilizados em pesquisas acadêmicas futuras?
- Como são tomadas as decisões referentes ao futuro do aluno que frequenta esta instituição?



## Apêndice D – Termo de Consentimento Livre esclarecido



Universidade de Brasília – UnB  
Instituto de Psicologia – IP  
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED  
Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar



---

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

*Senhores Professores,*

*Sou orientando do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil- Universidade de Brasília (UAB- UnB) e estou realizando um estudo sobre “Altas Habilidades: possível diálogo entre teoria e prática pedagógica”. Este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos e, ainda, favorecer o processo de formação continuada dos professores nesse contexto de ensino.*

*Constam da pesquisa gravações em áudio das situações cotidianas e rotineiras da escola, próprias das Necessidades Educativas Especiais, processo de Inclusão, ainda, entrevistas gravadas em áudio com os professores no intuito de entender o trabalho desenvolvido. Para isso, solicito sua autorização para participação no estudo.*

*Para isso, solicito sua autorização para participação no estudo.*

*Esclareço que a participação no estudo é voluntária. Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar e isso não acarretará qualquer prejuízo a você. Asseguro-lhe que sua identificação não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente.*

*Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone (27) 9817 7006 ou no endereço eletrônico [queziagd@hotmail.com](mailto:queziagd@hotmail.com). Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.*

*Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.*

*Respeitosamente,*

*Beirão*

---

*Guézia Guilhermina Dias dos Santos*  
Orientanda do Curso de Especialização em  
Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar.

---

*Juliana Eugênia Caixeta*  
Professora Doutora da Faculdade UnB Planaltina

*UnB - UnB.*

---

---

Concorda em participar do estudo? ( ) Sim ( ) Não

Nome: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

E-mail (opcional): \_\_\_\_\_

## **ANEXOS**

## Anexo A – Guia de Observação de alunos em sala de aula

### GUIA DE OBSERVAÇÃO DE ALUNOS EM SALA DE AULA

Unidade Escolar..... Local.....  
 Série..... Turma..... Turno ..... N.º de alunos..... M..... F.....  
 Professor..... Efetivo ( ) ou Contrato ( )

Tarefa: 1 - Indicar em cada item dois alunos (as) da sala (podem repetir o mesmo nome em itens diferentes)

Itens	1º - Nome Completo	2º - Nome Completo
1 - Os melhores da turma nas áreas de linguagem, Comunicação e Expressão.		
2 - Melhores nas áreas de Matemática e Ciências.		
3 - Melhores nas áreas de Artes e Educação Artística.		
4 - Melhores em atividades extracurriculares e extraclasse.		
5 - Mais verbais, falantes e conversadores.		
6 - Mais curiosos, interessados e perguntadores		
7 - Mais participantes e presentes em tudo		
8 - Mais críticos com os outros e consigo próprio		
9 - De melhor memória, aprendem logo e fixam com facilidade		
10 - Mais persistentes, compromissados e chegam ao fim do que fazem		
11 - Mais independentes, iniciam o trabalho e fazem sozinhos		
12 - Mais entediados e desinteressados, mas não necessariamente atrasados		
13 - Mais originais e criativos		
14 - Mais sensíveis aos outros e bondosos com os colegas		
15 - Mais preocupados com o bem estar dos outros		

16 - Mais seguros e confiantes em si.		
17 - Mais ativos, perspicazes e observadores		
18 - Mais capazes de pensar e tirar conclusões		
19 - Mais simpáticos e queridos pelos colegas		
20 - Mais levados, engraçados e "arteiros"		
21 - Que você considera mais inteligentes		
22 - Com o melhor desempenho que os outros em esportes e exercício físico		
23 - Que mais sobressaem nas habilidades manuais e motoras		
24 - Que produzem respostas inesperadas e pertinentes		
25 - Capaz de captar e canalizar as ações do grupo		

2 – Há em sua turma alguma criança com talento especial, não contemplada nesta lista?

Quem?	
Que Talento?	
Como se evidencia? (anexar mais folhas se necessário)	

3- Outras considerações:

.....

.....

.....

.....

.....